



Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Alfredo Monteiro & C. e. Silva

12-12-96

(58-201)



NINA

ROMANCE

OBRAS DO MESMO AUTOR

A LUNETA MAGICA, romance. 2 vol. br. 48, enc.	58000
A MORENINHA. 1 vol. enc.	38000
A NEBULOSA. 1 vol. enc.	38500
CULTO DO DEVER. 1 vol. enc.	38000
MEMORIAS DE UM SOBRINHO DE MEU TIO, romance. 2 vol. enc.	58000
MOÇO LOIRO. 2 vol.	58000
OS DOUS AMORES. 2 vol. enc.	58000
ROMANCES DA SEMANA. 1 vol. enc.	38000
ROSA. 2 vol.	58000
VICENTINA, romance, 3ª edição. 3 vol. br.	58000
AS VICTIMAS ALGOZES. Quadros da escravidão. 2 vol. br.	58000
LIÇÕES DE HISTORIA DO BRASIL. Obra adoptada pelo CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PUBLICA para uso das escolas do en- sino primario. 1 vol. in-4, enc.	38000
THEATRO. 3 vol. in-8, nitidamente impressos e enc.	98000
Vol. 1º Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.	
Vol. 2º A torre em concurso, O cego Cobé, Abrahão.	
Vol. 3º Lusbella, Fantasma branco, Novo Othello.	
O 1º volume vende-se separadamente. br.	28000

As seguintes peças também vendem-se separadamente :

A TORRE EM CONCURSO.	18500
LUSBELLA.	18500
FANTASMA BRANCO	18500
NOVO OTHELLO	8500

-NO PRELO :

AS MULHERES DE MANTILHAS

NINA

ROMANCE

PELO

D^r JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

2.^a EDIÇÃO

TOMO I

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

69 — RUA DO OUVIDOR — 69

1871

N I N A

I.

Em um dos primeiros dias do mez de Fevereiro de 1867 desembarcára na cidade do Rio de Janeiro o joven Firmiano, que tendo deixado pela primeira vez a sua provincia natal, uma das menos importantes do norte do Imperio, e portanto visitando tambem pela primeira vez a capital, que naturalmente sonhára grandiosa e admiravel, andava infatigavel e com avidez insistente á passear e correr as ruas e as praças, os estabelecimentos e os jardins publicos, e quantos lugares e pontos de reunião podião interessar ao seu espirito de provinciano recém-chegado á côrte.

Mas este apascoamento de justificavel curiosidade durava já e sempre insaciavel ha tres semanas em uma cidade que se percorre toda em oito dias, embora não se possa estudar-a completamente em oito annos.

Algum outro empenho além do conhecimento ameno da capital do Imperio devia pois haver no animo teimosamente curioso do joven provinciano.

Breves explicações, esclarecendo um compromettimento inconsiderado, dar-nos-hão idéa quasi perfeita da personagem que tanto procura ver e observar.

Firmiano era filho de um abastado agricultor e proprietario que despendera o melhor da sua fortuna no insano cuidado de erigir-se e manter-se potencia eleitoral da sua provincia, no pensar de alguns, por convicções politicas profundas, no murmurar de outros, sem duvida seus adversarios, pela vangloria e vaidade de vencer eleições e fazer deputados e senadores.

O certo é que Firmiano, pai liberal desde 1822, e chefe do partido liberal da sua pro-

vincia logo depois, mostrou-se sempre digno da sua religião politica, resplendendo pela legitimidade da sua influencia, e pela magestade do seu desinteresse : nunca foi candidato á deputação; nunca desejou condecorações nem titulos, e morreu sem ter sido simples cavalleiro de ordem alguma.

Prototypo de honestidade publica e privada, apenas excedeu-se na dedicação aos seus principios politicos, olvidando o futuro da familia de modo á deixar por sua morte uma filha reduzida a mediocres recursos que sómente a acobertarão da miseria, e um filho ainda na infancia sob a tutella da irmã.

Escolastica era trinta annos mais velha do que seu irmão, o unico que lhe restava de quinze outros que tivera.

As eleições e a morte em poucos annos tinhão arrasado a casa que muito grande fôra : as eleições devorando a riqueza, a morte devorando a familia.

Escolastica nunca havia pensado em casarse, e seu pai ainda menos pensára em procurar-lhe marido : humilde e piedosa, mas ra-

diante de dedicação e de nobillísimos sentimentos, ella passára pela juventude com os olhos da alma fitos no céo, deixando o coração sómente aos pais e aos irmãos na terra : se algum dia foi amada por homem estranho á familia, não o soube, nem pensou em sabel-o ; jámais porém pendêra para homem algum attrahida por essa força imantada que approxima e aduna dous corações, e faz de duas vidas uma só vida.

Mas a alma da mulher é thuribulo de amor ; quem diz mulher, diz amor ; com um nome ou outro nome, para um altar ou outro altar, nuanças mil essencia a mesma, o santo incenso rompe do thuribulo, e a mulher ama, como só ella sabe amar.

Quando seu pai morreu, Escolastica achou-se no mundo entre uma sepultura e um berço ; não desesperou : á sepultura deu lagrimas e orações ; ao berço deu cuidados e a vida ; viveu pelo berço ; foi irmã e mãe de Firminiano, e amou-o com amor que teve de mistura providencia e enlevo, sabedoria inspirada, arroubo de encantamento.

Não é o pai, nem o mestre, nem o padre, é a mãe, ou a ama, ou emfim a mulher encarregada dos cuidados da criação, quem prepara o coroação do menino, semeando nessa terra virgem os germens dos sentimentos que serão as fontes e as bases da sua vida moral. Escolastica, religiosa e de costumes severos, educou Firmiano com a lição e o exemplo das virtudes, com a innocencia, a simplicidade, o amor de Deos e do proximo.

Austera, ainda violentando o amor conselheiro de condescendencias, não se desviou um passo do seu caminho de ensino zeloso do bem ; mas como que esgotando toda sua firmeza e prudencia nesse empenho, em tudo o mais foi fraca, em tudo exagerada e cega, adorando o irmão, filho adoptivo.

Firmiano nem em menino fôra bonito, Escolastica achava-o lindo ; era desengraçado de figura, ella o suppunha galante ; era estouvado, ella o julgava espirituoso ; tinha memoria feliz, a pobre irmã advinhava-lhe intelligencia superior.

Aos onze annos de idade Firmiano lia cor-

rentemente, e ás vezes contava á sua irmã episodios da historia de Simão de Nantua, ou repetia de cór tambem, a ode *O Homem selvagem* do nosso padre Caldas, e Escolastica enthusiasmada, chorando de alegria, imaginava brilhante futuro para o menino, em quem previa um romancista, e um poeta de alto merecimento.

Tão humilde e modesta, a extremosa irmã se exaltava sonhando com os triumphos e as glorias da terra para Firmiano; innocente fraqueza do amor mais puro, origem foi de um erro que havia de custar caro ao irmão tão amado.

Escolastica fez prodigios de economia para dar a Firmiano quanta instrucção se podia beber na provincia, e exultou de jubilo vendo-o aos vinte e dous annos de idade declarado prompto em todos os preparatorios para matricular-se em qualquer das escolas scientificas do Imperio.

O estudante fôra bem moroso em seus estudos, era problematico que podesse resistir a exames conscienciosos; nunca pudera

conseguir compôr um soneto, nem escrever trabalho de imaginação em prosa; mas Escolastica não perdia a suave esperança de vê-lo um dia applaudido, como poeta ou romancista, e não tendo recursos para mandal-o seguir o curso de direito no Recife, seu explicavel anhelô, venceu repugnancia e escrupulos, e foi bater ás portas de um senador e de alguns deputados da provincia, que devião principalmente a seu pai as posições politicas em que se achavão.

Escolastica pedio-lhes que o seu talentoso Firmiano, adoptado pela provincia, fosse estudar no Recife á custa do thesouro respectivo; pedio pois um favor que tem sido por vezes feito em diversas provincias, favor aliás só admissivel em caso excepcional, em que não estava a menos que mediocre intelligencia de Firmiano; certo é porém que ha quinze annos antes essa e ainda maior pretensão teria sido satisfeita com enthusiasmo.

Mas não ha gratidão de protegidos que resista quinze annos ao gelo da morte do

protector. Os amigos do outro tempo declararão a Escolastica que o seu desejo era irrealisavel, que Firmiano não se recommendava pela intelligencia, nem podia esperar distinguir-se na republica das lettras, e que em lembrança dos serviços de seu pai, apenas se obrigavão a obter para elle, na provincia ou na côrte, uma posição *visivel* como empregado publico.

Escolastica, tendo rogado e insistido de balde, em desespero de causa, tragou todo o amargor da negativa, e respondeu que aceitava para seu irmão um emprego *visivel* na capital do Imperio.

De volta á sua casa depois da trigesima visita aos antigos amigos de seu pai, primeira vez com um resentimento no coração, offendida na vaidade do seu amor, amargurada pela duvida em que tinham posto as brilhantes faculdades de Firmiano, disse a este :

— Não te posso fazer doutor : ingratição, ou receio de futuro e notavel competidor na provincia, aquelles com quem eu contava

por ti, chegão a negar-te capacidade e talento; ha uma vingança que não offende a Deos, é a exaltação do humilhado que se engrandece pelo esforço proprio; has de vingar-te assim, Firmiano: vais partir para a cõrte, onde obterás bom emprego que me foi garantido; quero porém e exijo que confundas os que te menosprezão, reputando te quasi nullidade no que elles chamão republica das lettras; vais partir; mas peço-te que dentro de um ou dous annos componhas e publiques um livro de poesias, ou algum romance bonito.

Firmiano amava muito a irmã que lhe fôra mãe; amava com esse extremo de bom filho que de certa idade em diante, como que troca a natureza do sentimento, e pela suave condescendencia, pelo receio de desgostar, pelo encanto da animação, da alegria, do enlevo da mãe já velha, parece mudar para amor de pai o seu amor de filho, e cede ao capricho, dissimula o engano, dobra-se á illusão que póde felicitar a mãe que fôra o anjo do seu berço, a humana providencia da

segunda infancia, e que na decadencia dos annos pouco e pouco se vai tornando criança, e então sagrada filha de seu filho.

Era assim que Firmiano amava Escolastica, e porque a amava assim, não se atrevia, nem se atreveu nesse dia a confessar á velha irmã a fraqueza das suas faculdades intellectuaes, de que elle tinha convicção aliás tambem exaggerada.

Sciante de quanto se passára, e, apezar do muito que lhe custava separar-se de Escolastica, desejoso de empregar-se para auxiliá-la, e não menos avido de apreciar a grande cidade, capital do Imperio, Firmiano com imprudente complacencia, anhelando consolar sua irmã, prometteu-lhe que antes de dous annos daria ao prélo um romance.

Escolastica vendeu suas joias, e entregou o producto da venda a Firmiano, apresentou-lhe e forçou-o a examinar as contas e estado da casa arruinada, mostrando-lhe intacta sua pobre herança, cujas rendas accumuladas o tinham feito muito menos pobre que sua pobre irmã, e enfim, dando-lhe di-

nheiro, lagrimas, dinheiro para viver parcamente seis mezes sem tocar no seu proprio peculio, e lagrimas para as saudades de um seculo, Escolastica despidio-se de seu irmão.

A dôr do apartamento foi mitigada pela esperança: logo que Firmiano se achasse empregado, Escolastica diria adeos á provincia, e iria viver com elle seus ultimos annos na cidade do Rio de Janeiro.

Dous corações innocentes despregarão-se um do outro, duas vidas até então adunadas tiverão de separar-se: a irmã que soubera ser mãe ficou no ermo da saudade, na triste e monotoná solidão da provincia, acalentando um sonho mais appropriado ás arrojadas illusões da juventude: ao menos porém no tranquillo e velho ninho da familia, onde nas recordações do passado ha sempre, embora de mistura com a melancolia, a triste mas doce poesia das lembranças queridas que se prendem ao campanario e ao lar.

E o irmão que se tornára filho adorado veio joven e sem experiencia entrar no labyrintho da capital, atirado aos desenganos

do mundo, dependente do favor de muitos, e dominado pela idéa de satisfazer um atrevido compromettimento, de emprehender e levar ao cabo uma obra, que considerava superior ás suas forças.

Por amor de sua irmã Firmiano queria escrever um romance.

II.

Firmiano trouxera da provincia uma duzia de cartas de recommendação, e logo no dia seguinte ao da sua chegada á cidade do Rio de Janeiro, adiando a entrega de outras cartas, começou por apresentar-se com aquellas que erão dirigidas á dous comprovincianos seus que o recebêrão agradavelmente, promettendo auxiliá-lo com o maior esforço em sua pretensão.

Sinceras e leaes ou não as recebidas promessas, o novato joven teve ao menos a fortuna de encontrar no filho de um dos dous protectores em expectativa o amigo mais prestimoso, um companheiro que pela educação zelosa que recebêra, e pelos dotes de seu coração, era incapaz de dirigil-o estou-

vada ou nocivamente na estréa da sua vida na capital, tão cheia de perigos para á mocidade inexperta.

Felix, apenas um anno mais velho que Firmiano, era duas vezes mais instruido, e dez vezes mais intelligente que elle ; desde o primeiro encontro e a primeira hora de conversação reconheceu que o joven provinciano era tão simples como bom, e começou logo á estimal-o, desejando ser seu amigo, menos por sympathia do que pelo sentimento de nobre interesse que o fraco inspira ao forte, o desvalido ao homem generoso.

Com effeito Firmiano tudo poderia pretender e conseguir tudo quanto sonhava por elle o amor de Escolastica, tudo e mesmo ser um dia poeta ou romancista ; nunca porém chegaria á passar por sympathico, á realisar as conquistas instantaneas que a sympathia improvisa.

Tendo bastos cabellos pretos, fronte baixa e estreita, olhos pequenos e sem brilho, nariz grosso, boca demasiado rasgada, embora mostrando bellos dentes, queixo ex-

cessivamente triangular, rosto comprido, de grandeza desproporcional, e de côr branca, mas sem vida, pescoço curto, largas espaldas, corpo mais extenso que as pernas, estatura menos que regular, Firmiano, apesar da delicadeza de suas mãos e de seus pés, não podia agradar pela simples impressão da sua presença ; e para mais completa desdita, sua voz era aflautada e a sua palavra difficil, o seu sorrir triste e desengaçado, o seu andar assalvado, e na sociedade sempre tibio e confuso, requintando o acanhamento na companhia de senhoras.

Mas Felix sentio quasi instinctivamente quanto havia de simplicidade, de honra, de sentimentos nobres debaixo daquella crosta aspera e fria ; ligou-se pois á Firmiano, tornou-se o seu *cicerone*, acompanhando-o constantemente, e mostrando-lhe as luzes e as sombras da cidade do Rio de Janeiro.

Os passeios pelas ruas, praças e jardins, as visitas ás bibliothecas, ao musêo, aos arsenaes, ás academias, aos sitios mais pitorescos, a frequencia dos theatros, o enleio

de algumas noites de saráos modestos de familias estimaveis prolongárão-se por algumas semanas, e Felix notou emfim que Firmiano, embora cada dia mais curioso, principiava a mostrar-se contrariado.

Almoçavão os dous amigos em uma bella e agradável manhã no hotel visinho do *Jardim Botanico*, quando Felix, impacientando-se, perguntou a Firmiano o motivo do seu máo humor, que ainda alli o perseguia.

O provinciano hesitou ; mas acabando por ceder ás instancias do amigo, e tambem confiando muito no seu bom conselho, respondeu :

— É que minha santa irmã, que me supõe dotado de raro talento e rica imaginação, impoz-me a obrigação de compôr um livro de poesias ou um romance...

— Fallas serio ?

— Do livro de poesias nem de leve me preoccupo ; porque fazer versos que sejam versos é para mim impossivel ; decóro facilmente os versos que leio ; mas compôl-os eu?... tempo perdido.

— Muito bem, Firmiano; poeta á força é pintor que borra telas e cantor que desafina a musica.

— Mas o romance ? para o romance não ha necessidade de metrificacão, nem de consoantes...

— Enganas-te : é indispensavel a metrificacão das lições moraes e a consonancia dos sentimentos, metrificacão e consonancia da imaginacão com a realidade, da fórma com a materia, dos quadros que se inventão com as paixões que são n'elles expostas.

— Segue-se então que nunca poderei escrever um romance ?

Felix dominou-se para não rir.

— Olha, Felix, tornou Firmiano, não tenho presumpção, nem vaidade ; daria porém metade da minha vida para compôr um romance.

— Com que fim ?

— Para satisfazer o innocente capricho de minha irmã ; não a conheces ; foi minha mãe, e é um anjo de amor e de sublime dedicacão : a idéa de que possuo luminosa in-

telligencia é o seu encanto, e desencantal-a fôra despedaçar-lhe o coração : se eu escrevesse um romance, que alegria, que felicidade para aquella santa creatura !

— Em tal caso mãos á obra ! disse Felix com os olhos humidos de lagrimas.

Firmiano abaixou confuso a cabeça, e proseguio, dizendo :

— Na provincia o meu professor de rhetorica e poetica, tratando do romance, disse-nos em uma de suas lições : « Predomina hoje a escola realista, que matou a romantica, que por seu turno tinha destruido a classica ; com a nova escola não ha quem não possa ser fecundo romancista ; já não se imagina, copia-se toma-se o chapéo e a bengalla, passeia-se pelas ruas, visitão-se os amigos, espreita-se o que se passa na casa alheia, escreve-se o que se observou, e está feito o romance. »

— Sapientissima lição !

— Acreditei n'ella, e para aditar minha irmã, jurei-lhe escrever um romance ; tenho porém debalde passeado, observado, estuda-

do o mais vasto dos nossos theatros, a cidade do Rio de Janeiro, e ainda não encontrei o romance que tão facil se afigurava ao meu professor.

— É que o teu professor não conseguia jámais ser o inventor da polvora.

— Dizes pois...

— Que elle te fez acreditar na extrema facilidade do empenho mais difficil. Em litteratura, Firmiano, a escola realista ensina que o romancista deve ser o copista fiel da vida da sociedade, dos sentimentos, das paixões, dos costumes, por consequencia o esculpulo e subtil sondador dos corações, o revelador leal das tendencias e do character da época, em uma palavra o daguerreotypo moral da sociedade e da familia. Julgas que isto seja muito simples?

— Creio que não.

— Ah! certamente não: ver é o menos, saber ver é o mais; observar não é tudo, sentir é que é o essencial; mas sentir não basta, dizer bem e artisticamente o que se sentio, é indispensavel; portanto para se compôr

um romance é preciso saber ver, saber sentir, saber dizer.

— Lá se vai pois a minha esperança de escrever um romance para minha irmã!...

Felix não se animou á desenganar o pobre provinciano seu amigo ; fôra mais acertado que o fizesse ; mas desejou consolal-o e tornou-lhe :

— Não, Firmiano, não ; quem sabe se ainda chegarás á ser notavel romancista?...

— Quem? eu? ah! bastava-me compôr um só, um unico romance!

— Pois então escuta : a instrucção não é sufficiente, é porém muito necessaria para que se seja romancista : a instrucção é luz : estuda portanto, estuda muito.

— Juro que estudarei.

— Depois do cabedal da instrucção, que jámais será demasiado, a tua vontade decidida, e a observação constante e aturada do mundo, poderão acender em teu espirito inspirações de um ou mais romances, ainda mesmo que não t. nhas nascido com vocação para romancista.

— E se nem assim se acenderem as inspirações de que me fallas? perguntou seriamente Firmiano.

Era muito: Felix não pôde conter o riso, e cedendo um pouco á malicia propria da sua idade, respondeu em tom gracejador:

— Conheço um meio unico de provocar, e até de forçar a inspiração.

— Qual é?

— O mais violento excitante da sensibilidade ; mas que ás vezes é veneno que transvia e perturba a razão.

— E qual é?

— O amor.

Firmiano corou.

— O amor apaixonado por uma mulher formosa e pura.

A conversação parou ali; mas o provinciano passou o resto do dia meditando seria e profundamente.

A noite, recolhendo-se á um pequeno sótão que alugára, e estendendo-se em seu modesto leito, Firmiano disse entre si:

— É preciso estudar muito; fal-o-hei; ob-

servar muito ; continuarei á fazel-o todos os dias ; ter vontade decidida de escrever um romance, já a tenho ; amar apaixonadamente uma mulher formosa é pura, é só o que me falta.

III.

Felix tinha dado ao seu amigo um conselho que se compunha de quatro artigos, o ultimo dos quaes era tão arriscado que elle o chamára *veneno que perturba e transvia a razão*; não calculou porém com a exagerada simplicidade do provinciano, e abandonou-o á propria direcção.

Firmiano teve pressa; não comprehendeu que lhe cumpria primeiro estudar bastante para observar depois; observar opportunamente para em seguida pôr em acção a vontade de escrever o seu romance, e não procurar mas esperar o amor que não precisa que o procurem, nem acode á voz da conveniencia, nem pede licença para entrar e dominar em coração algum.

Abandonado á si mesmo o provinciano resolveu que ganharia tempo executando conjuntamente os quatro artigos do conselho da amizade : assim deu ao estudo duas horas em cada manhã e duas em cada noite ; á observação o resto do dia e uma parte da noite ; cada vez acendeu-se em mais vivo desejo de compôr a sua obra de imaginação, e enquanto fazia ou procurava fazer observações, empenhava-se tambem em encontrar a mulher formosa e pura, que devia ser o objecto do seu amor apaixonado.

Felix, tendo já corrido duas ou tres vezes a cidade do Rio de Janeiro com o seu amigo, e ãevendo attender a outros deveres, pôz termo á sua tarefa de *cicerone*, e apenas por excepção o acompanhava em um ou outro dos seus passeios diarios.

No fim de duas semanas de execução severa do seu programma, Firmiano apreciava já os fructos do estudo, tendo readquirido o habito da applicação aos livros, e reconhecido que sabia muito menos do que suppunha, pelo que tomou professores das pro-

prias materias de que fizera exames na provincia.

Não foi porém tão feliz no emprego das suas horas de observação e de procura de amor.

Debalde visitou por vezes *Nictheroy* a fazeira, *Botafogo* o encantador, *Paqueta* a romanesca; debalde embarcou um dia no trem da estrada de ferro de Pedro II, e foi até a ultima estação, transpondo nas azas do vapor a soberbissima serra; debalde frequentou o aristocratico bairro do *Cattete*, o suave asylo das *Larangeiras*, o modesto retiro do *Rio Comprido*, o deleitoso labyrintho de *Santa Thereza*, o fresco *Andarahy*, e a saudavel *Tijuca*: nada vio, nada observou, não recolheu uma só idéa que lhe inspirasse o romance; nem os companheiros das viagens e passeios, nem a convivencia embora ligeira nos hoteis, nem as historias que ouviu, nem as senhoras que encontrou então, nem os sorrisos e os segredos das moças entre si, nem emfim os episodios que amenisão e fazem lembrar as horas d'essas viagens ainda mais

alegres por serem curtas, puderão acender a flamma da inspiração na alma de Firmiano.

Candidato infeliz á romancista, concluiu elle que tudo quanto vira e ouvira era pasmosamente trivial e esteril.

Em procura de amor apaixonado foi mais infeliz ainda: nos passeios, nas reuniões, nos theatros, Firmiano vio jovens senhoras resplendentes de graça e formosura, contemplou-as com arrebatamento; nunca porém teve o tempo indispensavel para apaixonar-se por alguma; porque, ou por excesso de pudicicia, ou por indifferença cruel, ou com sensível movimento de repulsão, todas ellas desviarão d'elle os olhos, deixando-o ás vezes confundido ou desconsolado.

Todavia Firmiano teimava sempre no seu proposito, e em uma tarde do mez de Abril dirigio-se pela duodecima vez ao *Passeio Publico*, e não tardou muito que alli encontrasse mimoso objecto que enlevou-lhe os olhos e o coração.

Tres moças da mesma idade, que não podia ser menor de dezeseis, nem excedente

á vinte annos, um agradável ancião e uma senhora que indicava ser sua esposa, formavão um grupo interessante entre muitos outros que tinham ido desferrar-se do intenso calor do dia, respirando a fresca viração da tarde n'aquelle tão pequeno como feiticeiro jardim.

Firmiano, medindo seus passos, seguio de perto o bello grupo, embebendo a vista especialmente em uma das tres meninas.

Era essa na verdade a mais bonita : esbelta e bem feita, triumphava encantadoramente da prova terrivel dos vestidos nesgados e estreitos ; tinha os cabellos castanhos com um *coque* não exagerado, deixando cabir sobre os hombros compridos anneis de madeixa ; seu rosto, ligeiramente arredondado, era de suave brancura, tendo as faces quasi imperceptivelmente coradas ; possuia o condão dos mais bellos e travessos olhos negros, e de uma boca pequena e engraçada, onde com frequencia brincavão sorrisos do genio da alegria. Seria de mais *chamala* formosa ; era porém bonita, gentil, um

pouco desinquieta nos modos, evidentemente vaidosa no exame mal dissimulado da impressão que produzia, e não menos maliciosa no conversar brincão com as duas amigas.

Trazia ella á cabeça um lindo enfeite d'esses que hoje só por convenção se chamão chapéos. e ostentando pela simplicidade, cobria a raiz do collo e o peito com uma camisinha de rico bordado, e vestia finissimo vestido branco mais caro que dous de boa seda. Calçava luvas de pellica côr de chumbo, e com uma das mãos de aristocratica delicadeza, levantando de leve o vestido para desembaraço do andar, mostrava sem querer a mimosa botina ajustada ao pé mais delgado e encantador.

Espontaneidade de movimentos, expansão de sentimentos, viveza, graça indizível, ardor, franqueza indocil, talvez imprudencia, patenteavão-se no olhar, no sorrir, no fallar da linda menina.

Adivinhava-se nella uma filha unica de pais ricos, um idolo da familia, e, se os anjos podessem ter caprichos, o anjo do capricho.

E Firmiano a seguia, contemplando-a arrebatado, e preso á ella por attracção irresistivel.

Nada escapa á uma moça vaidosa : a menina, voltando-se duas ou tres vezes para dizer ao ancião e á senhora o que lhe pareceu menos banal, notou o interesse com que Firmiano a olhava.

De subito começou á sorrir maliciosamente ; as duas companheiras rirão-se por vê-la sorrir, e sem saber porque.

Vós outros que por ventura vos revoltais contra o rir das meninas, que vos parece impertinente zombaria, moderai-vos : deixai-as rir ! esse riso é o innocente borbulhar das alegrias da sua idade angelica. Oh ! deixai-as rir, coitadinhas !... vós lhes concedeis na vida tão pouco tempo para rir !....

A menina não se pôde conter mais :

— Vocês conhecem a fabula de Polyphemo e Galatée ? perguntou ella ás amigas.

— Sim, responderão as duas.

— Pois eu acabo de descobrir que sou Galatée.

— E como? porque?

— Polyphemo me adora.

E com um travesso volver de olhos mostrou Firmiano ás amigas.

Ellas olhárão, virão Firmiano, continuárão á rir; mas tanto e tão longamente zombárão da *feia* conquista da traquinas companheira, que esta impacientada acabou por jurar-lhes que ia vingarse da ousadia de Polyphemo.

O interessante grupo chegára á ponte fronteira ao outeiro dos jacarés, e portanto ao ponto em que para um lado a corrente se alarga, formando o lago, onde os cysnes têm a sua ilha, e o *peixe-boi* o sitio que mais frequenta.

Firmiano estava á pouca distancia.

— Vocês querem ver como Galatéea espanta Polyphemo?... perguntou a menina bonita.

Um das amigas, que por certo a conhecia bem, respondeu-lhe.

— Cuidado, Nina; não faças alguma loucura.

— Obrigada! .. então sou louca?

E fitando os olhos no lago, estendeu o braço, e apontando com o dedo, exclamou:

— Lá está o *peixe-boi*!

Firmiano ainda não tinha conseguido ver o *peixe-boi*, e correu para observá-lo de perto.

— Agora foi por allí... eil-o! disse a cruel menina.

E Firmiano lançou-se para o outro lado.

Muitas pessoas olhavam, nenhuma viu o *peixe-boi*, e em breve comprehenderão todos o escarneo.

Só Firmiano não o comprehendia.

— Está descendo o rio...

E Firmiano á voltar.

— Mudou de rumo, e sobe a corrente!

E Firmiano á correr.

Soavão já ruidosas risadas do publico.

— Menina, que é isso?... disse o ancião que a acompanhava.

— Papai, deve-se crer que é o *peixe-boi*.

— Nina, és uma doudinha; isto é incon-

veniente; observou a senhora, obrigando a menina á continuar o passeio.

As gargalhadas que rompião em torno de Firmiano desencantárão o triste mancebo, que só então reconheceu que, victima de mofa ridicula, fôra atirado pela cruel menina aos remoques e ao ludibrio de numerosos circumstantes.

Firmiano achou-se no meio de uma multidão compacta, que o apertava, que ria-se delle sem piedade; teve impetos de furor; mas conteve-se; com paciencia, vexame doloroso e insistente esforço pôde emfim abrir caminho e retirar-se, maldizendo da menina que elle achára tão bonita, e que era tão má.

IV.

O homem póde resistir á indifferença, e ainda mesmo ao desprezo da mulher cuja belleza o captivou ; é raro porém que resista ao escarneo que o torna ridiculo aos olhos do publico.

Firmiano sahio do *Passeio Publico* envergonhado e posto em fuga desairosa, e recolhheu-se antes da noite, não pensando mais em observar, e muito menos em amar n'aquella tarde infeliz.

A sós no seu pobre sotão quiz esquecer o triste episodio do *peixe-boi* e não o conseguiu ; tentou estudar, mas não póde ter consciencia do que lia ; repetio dez vezes

a leitura da mesma pagina do livro que tomára, e não comprehendeu uma só idéa ; por fim atirou com o livro sobre a mesa, foi debruçar-se á janella, e, á pezar seu, pensou na linda menina, e deixou-se atormentar nas torturas da memoria, que ao mesmo tempo ou successivamente o fazia lembrar os encantos e a cruel zombaria da joven bonita e má.

Felizmente o amigo e conselheiro de Firmiano acertou de procural-o nessa noite.

Apenas entrou e sentou-se, Felix presentio que havia novidade.

— Sahistes hoje, Firmiano ?

— Sahi.

— Que te aconteceu então ?...

A resposta era difficil para o provinciano, que se arreceiava de expôr-se tambem ao rir do amigo ; um estudante folgazão teria sido o primeiro á applaudir a menina, e o logro em que houvesse cahido ; mas Firmiano nem se animava á responder a Felix, e querendo evitar a questão, disse-lhe :

— Déste-me, entre alguns bons, um máo conselho.

— Qual?

— O de ir buscar inspirações para o meu romance no amor apaixonado de...

— Pois já amas?...

Firmiano estremeceu vivamente, e respondeu logo :

— Eu?... não ; nem amarei jámais mulher alguma com esse amor de que me falaste.

— Firmiano, queres saber?

— O que ?

— Ferirão-te.

— A mim ?

— E ainda beijas a mão que te ferio.

— Felix !

— O fundo já eu sei ; faltão-me os pormenores ; conta-m'os.

— Se adivinhaste o principal, adivinha também os incidentes.

— Onde foste hoje á tarde?...

— Ao *Passeio Publico*.

— E depois?

— Voltei para casa.

— Então foi lá que se passou o caso?

— Supponhamol-o.

— Se a historia correu em segredo, sujeito-me á tua discrição ; se alguns a testemunhárão, hei de sabêl-a amanhã.

Firmiano corou, e disse immediatamente :

— Não indagues cousa alguma...

— Porque ?

— Far-me-hias mal, tornou o mancebo tristemente.

— Basta, Firmiano ; não fallemos mais nisto ; não te quero triste assim....

¶ Firmiano hesitou alguns momentos, e curvando a frente, disse :

— Tens o direito de saber tudo quanto se passa comigo.

E com vexame pueril fez a narração exacta do que lhe acontecêra no *Passeio Publico*.

— E por tão pouco te affliges tanto ! exclamou Felix.

— Por tão pouco ? é que não viste a situação mofina e desgraçada em que me achei !

— Dá graças a Deos, Firmiano.

— Porque fui justamente castigado, não ?

— Começavas á admirar a bella menina ; a admiração ao amor a passagem, se não foi, seria facil e prompta, e em breve te tornarias louco de paixão por essa joven, que póde ter todos os thesouros da formosura e da virtude, mas a quem falta um. sem o qual os outros se amesquinhão sempre, e ás vezes chegam á estragar-se.

— Qual ?

— O lavor da educação desvelada.

— Conheces então a menina ?

— Não preciso conhecê-la : uma senhora que em um jardim publico e frequentado por pessoas de todas as condições se offerece em espectaculo, e escarnecendo de um desconhecido se expõe desastradamente á reacção do offendido que podia ser homem rude e brutal, é, pelo menos, uma dou-dinha.

— Creio que raciocinas acertadamente. Felix !

— No episodio do *peixe-boi* quem mais soffrou, foste tu ; mas quem perdeu mais, foi ella.

— Julgas?

— Se julgo! vou adiante: o *peixe-boi* te salvou da mais perigosa das tentadoras.

— E' assim; mas felizmente estou salvo.

— Quem sabe?... disse Felix encarando Firmiano.

— Ora! nunca lhe perdoarei a maldita zombaria.

— Cuidado! se encontrares outra vez essa menina, fuge á correr.

— Não m'o recommendes: aborreço-a...

— Peior! queira o céo que não a vejas mais.

— Desconfias do meu bom senso?...

— Não sei: está me parecendo que a bonita menina deixou profunda impressão em tua alma.

— Destruio o encanto da impressão mais arrebatadora com a maldade do seu proceder.

— Seja assim; jura-me porém que se outra vez a vires, não m'o encobrirás.

— Juro-o; mas porque tal juramento?

- Porque te quero bem, e tu, pobre inex-

periente, cem vezes mais incauto do que eu, precisas muito de mim.

Firmiano apertou com força a mão de Felix.

— Esqueçamos o que está passado, disse este ao amigo; como pretendes dirigir-te agora?

— Resolve por mim.

— Bem: estuda, em vez de quatro, seis horas por dia...

— Estudarei oito horas.

— Vai ao theatro mais pelo palco, e menos pelos camarotes...

— Já frequentei de mais os nossos theatros, e não voltarei tão cedo á elles.

— Adia para mais tarde a tua colheita de observações, e, sobretudo, não andes á caça do amor, que te ha de caçar quando tu mal pensares.

— Suspenderei as minhas observações, e quanto á amor, estou para sempre curado o *peixe-boi* é o meu preservativo.

— Firmiano, tu amas a menina estouvada !...

— E esta !... protesto que não !

— Veremos.

—

V

Apezar dos seus protestos, Firmiano passou a noite sem poder estudar, e na manhã seguinte acordou sonhando com a menina bonita, porém má.

Decidido á executar á risca o novo programma, e mais fiel á elle do que qualquer e todos os ministerios aos seus, o mancebo dominou-se ao ponto de não sahir de casa tres dias. No primeiro foi difficil e perturbado o estudo ; no segundo mais facil e seguro ; no terceiro a imagem da menina era apenas uma recordação que o distrahia sem escravisal-o.

O perigo estava passado.

Vencido o habito dos passeios diarios, e suffocada a nascente paixão, Firmiano reflectio na sua vida, e nas suas esperanças de emprego publico, e lembrou-se de que ainda não tinha feito entrega de todas as suas cartas de recommendação.

Examinando as suas malas de viagem, achou em uma dellas dez cartas, uma das quaes era dirigida á um antigo correspondente, e intimo amigo de seu pai, e maldizendo do seu desmazelo, o mancebo. depois de estudar até as onze horas do quarto dia de encerro, vestio-se e sahio para entregar as cartas.

Em duas horas apresentou ou deixou nove cartas nas casas competentes, onde recebeu acolhimento lisongeiro, ou frio, conforme o character e as disposições dos calculados patronos que encontrou visiveis.

Um pouco desconsolado, mas resolvido á concluir a sua tarefa de candidato carteiro, tratou de procurar o velho amigo de seu pai, antigo negociante, que se retirára do commercio, e só continuava á mostrar-se na

praça para jogar sobre fundos publicos e variações de cambio.

O commendador André de Souza era um rico capitalista com reputação de muita probidade e de excellente coração, gozando sua immensa riqueza, fructo de longos annos de afortunado trabalho e de sabia economia, nas doçuras do lar domestico, que elle enchia de amor, de contentamento e de felicidade.

Informações tão animadoras levarão Firmiano sem constrangimento nem receio á casa de André de Souza, que demora em uma das mais estimadas ruas da visinhança do *Outeiro da Gloria*.

O aspecto da casa, o asseio dos criados, a elegancia do carro que estava prompto e esperando á porta annunciavão o esmero e o luxo com que se tratava o capitalista, e o bom gosto com que elle sabia desfructar seus thesouros accumulados.

O criado que viera receber o bilhete de Firmiano abriu immediatamente á este a sala de recepção.

Um ancião de agradáveis apparencias veio ao encontro do mancebo, levou-o á sentar-se, e com as mais obsequiosas mauciras recebeu e abriu a carta que Firmiano apresentou.

O ancião era André de Souza, rico sem soberba, poderoso sem vaidade.

André de Souza começava apenas á lêr a carta, quando se deixou ouvir o leve ruido de passos ligeiros de alguém que se dirigia á sala.

— Papai, disse una voz suavissima, aqui esta o novo figurino de que lhe fallei : é legitimo de Paris... é um vestido assim que eu quero...

E mostrou-se a figura graciosa da mais bonita menina de dezoito annos.

Firmiano sentio um choque electrico : não tinha reconhecido o ancião; mas reconheceu no primeiro instante a estovada menina do *Passeio Publico*.

André de Souza não retirára os olhos da carta, que parecia lêr com interesse.

A menina parára de subito ao entrar na sala, e em pé fitára os olhos em Firmiano,

respondendo com simples movimento da cabeça ao comprimento que lhe fizera o mancebo; mas logo depois, e ainda de subito, levou o lenço á boca, tentou comprimir-se e não pôde; sentou-se na cadeira que vio mais proxima, e desatou á rir.

André de Souza dobrára a carta que acabava de lér, e olhando para Firmiano, cujo rosto se acendêra em flammias, perguntou-lhe:

— Que tem?...

Firmiano guardou o silencio; mas a sua vexação era patente.

— Papai, exclamou a menina interrompendo o seu rir inconveniente, mais invencível; papai, é contra minha vontade; porém não pode conterme: o senhor é o moço do caso do *peixe-boi*.

E rio-se ainda.

André de Souza voltou-se para a filha e disse-lhe seriamente:

— Nina, o pai d'este mancebo foi meu intimo amigo, e um dos mais honrados e ricos proprietarios da sua provincia; empobreceu,

fazendo o bem á todos, e deixou por sua morte um nome sem mancha, um filho e uma filha ; a herança do nome foi herança de nobreza e honra, a filha é uma santa que servio de mãe á seu irmão ; o filho é este moço que me está recommendado. Nina ! eu te apresento o meu amigo o Sr. Firmiano.

A menina absorvêra o riso com um estremecimento nervoso, levantou-se promptamente, avançou para Firmiano, estendeu o braço direito, e offerecendo-lhe a mão, disse com voz doce e solicitante :

— Perdão !

VI.

Nicolina tinha dezoito annos de idade e, e com os dezoito annos todas as alegrias de menina, e todos os desvanecimentos de moça que está profundamente convencida da realidade da sua belleza e do seu poder.

André de Souza casára-se por amor na idade em que o coração começa á fechar-se ás paixões: contava trinta e seis annos então, e era dezeseite mais velho que Gervasia, sua noiva.

Esposo e esposa desejáram e pedirão ardentemente á Deus um filho que aditasse ainda mais sua união; o dom de céo demorou-se, e só depois de cinco primaveras rompeu a flôr tão almejada.

Nicolina tinha pois nascido em condições privilegiadas, mas também em condições arriscadas.

Era filha única.

Era filha única de pais muito ricos.

Era a realização de cinco annos de ardentess votos.

Era um anjinho que viera crear um paraíso na alma de seu pai, que fôra pai quando principiava á envelhecer.

Era a filhinha querida que Gervasia amamentára á seus peitos, revoltando-se contra a idéa de dar á outra mulher partilha na missão sagrada de mãe.

Cada condicção privilegiada era também grave ameaça de perigo.

Ao redor do berço de Nicolina havia abysmos de amor.

O futuro da menina se preannunciava em horizontes cheios de rosas; mas cada uma das rosas podia bem trazer espinhos.

É a educação que fórma o character e prepara a vida do homem; a educação é uma segunda maternidade, que é boa ou má con-

forme á prudencia, á fraqueza ou o desma-zelo dos pais.

André de Souza era e é um homem honesto, probo, sensível e complacente; severo e rígido no cumprimento de sua palavra e nas transacções commerciaes, era e é no seio da familia condescendente, docil e sómente occupado em inventar pretextos e imaginar motivos para trazer a casa em festa e jubilo perenes; declarára guerra á tristeza; abdicára o direito de ter vontade, como chefe de familia, e impuzera á Gervasia o exercicio do poder absoluto, sob a condição de ser feliz, e de perpetuar o contentamento no lar domestico.

Gervasia dedicada, sovena, meiga, quasi que educada por seu marido, era e é a doce obediencia disfarçada em dominação; adivinhava os pensamentos de André de Souza para realisal-os como seus; nunca parecêra susceptível das paixões violentas, que são tempestades da vida; esposa fiel e amorosa; mão delicada da caridade que beneficia ás occultas; amiga leal, recebendo em sua casa

com encantadora simplicidade á quantos vi-nhão á ella, era uma nota melodiosa, continua, incessante da musica do céo.

Taes erão o pai e a mãe de Nicolina.

Ao primeiro intuito se afigurava que filha de homem tão bom e nobre, de senhora tão amavel e virtuosa, criada e educada ao espelho de sentimentos e dotes moraes tão preciosos, a menina devia attingir á perfeição que é admissivel na terra ; e todavia não foi assim.

Nicolina teve desde a hora do seu nascimento cuidados estremecidos, diluvios de extremos, o infinito no amor.

Infante passára dos seios maternos aos braços do pai, dos braços do pai ao berço tão rico e esplendido que o seu valor alimentaria dez familias pobres durante um anno.

Começando á andar teve dous criados, além do pai e da mãe que erão escravos.

Principiando á fallar, contou cem interpretes do que ainda mal articulava, com interpretes, afóra o pai e a mãe, que, inno-

centes mentirosos, inventavão o que ella não dizia.

Tantas mil vezes tinhão repetido á criança o seu nome de baptismo *Nicolina*, que uma vez ella chegou á pronuncial-o incompletamente, unindo a primeira á ultima syllaba do nome, e dizendo *Nina*, foi dia de festa na casa; corrêrão os amigos e parentes ao convite de André de Souza para applaudir a graça da pronuncia da criança, á quem d'ahi em diante todos chamarão familiarmente *Nina*.

E Nina cresceu no meio de adorações, e da plena satisfação de todas as suas pueris ambições; se pedia uma boneca, davão-lhe dez; se queria quebrar um busto de gesso, recusavão-lh'o á principio; se ella porém chorava, entregavão-lhe dous.

Nina era bonita, ensinarão-lhe que era bella; dizia a mais insignificante puerilidade, logo acclamavão-lhe a agudeza e o espirito; desejava caprichosas extravagancias, realisavão-lhe immediatamente os desejos, e

se erão impossiveis, imaginavão compensações para ccnsolal-a.

Mais tarde a menina recebeu mil presentes para tolerar um mestre, e aprendeu á ler e recebeu a instrucção primaria, porque era intelligente e a deixavão estudar sómente quando queria ; em seguida, por amor proprio e porque ella mesma se comparou com outras meninas da sua idade, e se reconheceu inferior á ellas, prestou-se á aprender o francez e o inglez, a historia e geographia. musica e desenho, e bordaduras de luxo e de passatempo.

Muito superficial em seus limitados estudos, Nina perdia ainda mais pelas falhas e vicios da falsa educação que recebêra.

Tornára-se imperiosa, exigente e dominadora por isso mesmo que tinham feito da sua vontade absoluta a lei da familia e da casa.

Ouvindo incessantemente o elogio da sua formosura, fez-se a mais vaidosa das meninas vaidosas.

Viva, alegre e sem conhecer impeço á manifestação do que sentia e pensava, rece-

bendo gabos de espirituosa, e habituada á escusas das inconveniencias em que incorria, mostrava-se frequentemente leviana e indiscreta.

Instintivamente desejando desejar, e mal podendo conseguil-o pela promptidão com que suas fantasias erão satisfeitas, procurando opposição pelo gosto de vencêl-a, querendo e não querendo para obrigar difficuldades e experimentar o prazer de removêl-as, era a contradicção viva, e o capricho animado.

Entretanto Nina tinha nascido com as mais felizes disposições, com todas as virtudes de seus pais, e com a ledice do animo de André de Souza, e com a suavidade e brandura do coração de Gervasia.

Os lapidarios por excesso e cegueira de amor não souberão pulir o brilhante; *não educar* os filhos é um systema de educação inventado pela fraqueza e pelo enlevo egoista dos pais, á quem mais enfeitiça o presente do que preocupa o futuro dos filhos.

Mas ainda bem que a natureza propicia de

Nina resistio potente á influencia da cegueira e da fraqueza dos pais, e ainda bem que ao menos a lição e o exemplo das virtudes d'elles fallarão todos os dias e á todas as horas á alma da filha idolatrada.

Os defeitos de Nicolina erão nuvens que apenas empallidecião o brilho do sol: a imperiosa e dominadora dobrava-se prompta á razão, desde que não a contrariavão; a vaidosa reconhecia o merecimento e os encantos das outras moças, e era a primeira á fazêl-os notar, talvez mesmo porque á todas se reputasse superior; a caprichosa e contradictoria obrigava á perdoar seus erros pela immediata e expansiva confissão das suas incoherencias o loucas fantasias; a indiscreta e leviana emfim, logo que percebia ter offendido alguém, media a manifestação ampla do seu arrependimento pelas proporções da offensa, e ainda mais pela posição do offendido, que quanto mais humilde, tanto mais alta reparação lhe merecia.

Na grandeza de sua generosidade Nina offereceria desculpas á um poderoso da terra,

e choraria diante de um dos seus criados á quem irreflectidamente houvesse magoado.

Na terra amava seus pais com indizível ternura, e herdára de sua mãe o amor dos pobres, á quem soccorria, agradecendo-lhes o prazer da esmola.

Com todos os seus senões Nina era o idolo dos criados, a providencia adorada dos escravos da casa. abençoada dos desvalidos: Nina era a protecção, o perdão, a caridade.

André de Souza conhecia á fundo o caracter de sua filha.

Foi por isso que em vez de provocar-lhe o orgulho, reprehendendo-a pela nova offensa que fizera á Firmiano, desatando á rir ao enconral-o na sala, apenas se limitou á apresentar-lhe o mancebo, lembrando suas relações de amisade com o pai outr'ora rico, e a actual pobreza do filho, que precisava de protecção.

E foi pelo nobre despertar de seus generosos sentimentos que Nicolina, com a viveza e espontaneidade de seu coração, em

vez de offerecer desculpas simplesmente cortezes á Firmiano, levantou-se, foi até elle, e arrependida, submissa, offereceu-lhe a mão, e disse-lhe :

— Perdão !

VII.

Firmiano retirára-se da casa de André de Souza com o coração envenenado pela dentada dolorosa da serpente do orgulho.

Não lhe escapára que André de Souza sem pronunciar uma palavra de satisfação ou escusa á elle dirigida, sem deixar ouvir leve condemnação ao riso teimoso e impertinente de sua filha, o apresentára á esta, lembrando a amizade de seu pai finado, e a pobreza e o desvalimento do infeliz que lhe fôra entregar uma carta de recommendação.

Firmiano não se envergonhava da sua pobreza ; mas revoltava-se contra á idéa da compaixão de Nicolina : o escarneo apenas provocára o seu sentimento ; a compaixão feríra o seu orgulho.

A voz suave de Nicolina que lhe pedira perdão, elle se levantára silencioso da cadeira, e tremulo tomára a delicada mão que lhe fôra offerecida, e a levára aos labios com esforço de cortezia, mas sem que depositasse nella o beijo que o respeito e o reconhecimento aconselhavão.

Logo depois despedio-se e sahio com frieza e desgosto que mal pudera disfarçar.

A visita feita á André de Souza roubou ao mancebo mais do que o tempo que ella dará; roubou-lhe o resto do dia e a noite toda.

Firmiano exagerava as proporções das novas offensas que suppunha ter de Nicolina recebido; subia-lhe o sangue ás faces recordando o rir desabrido que o desatinára, e sentia-se aviltado pela especie de humildade vaidosa d'aquelle pedido de perdão, que lhe parecia esmola de compassiva riqueza á mendigo desgraçado.

E todavia a imagem bella e graciosa de Nicolina passava-lhe á cada momento por diante dos olhos, ou antes rompia-lhe dos

seios da memoria, como rompe insistente da alma o pensamento que nos atormenta, e que debalde queremos esquecer.

—O demõnio deve ser assim, repetio mil vezes Firmiano ; é máo, é fatal ; mas é anjo, embora condemnado.

Na tarde do seguinte dia Felix veio ter com o amigo.

—Procuraste-me hontem e deixaste-me um recado que muito tarde recebi. Aqui estou.

— Tive pressa de cumprir o meu juramento, Felix.

— Como ?

— Tornei á ver a menina que escarnecêra de mim.

— Ah !

— Ainda mais : fui á sua casa.

— Pazes celebradas...

— Pelo contrario : injurias novas.

Firmiano contou ao amigo o que se havia passado na visita que fizera á André de Souza.

— André de Souza ! exclamou Felix. Já sei quem é a menina, Firmiano.

— Devéras a conheces ?

— Chama-se Nicolina ; cultivo a boa amizade de seus pais, e muitas vezes sou recebido no seio de sua familia.

— E então ?

— Nina é uma estovada com perpetuo direito ao perdão de suas leviandades.

— Porque ?

— Porque, além de bonito rosto e gentil figura, tem o melhor e mais nobre coração.

— Pensas ?

— Estou certo.

— E de que modo procedeu ella comigo ?

— Como procede com todos.

— Reformas pois o juizo que fizestes sobre a menina *do Passeio Publico* ?

— Não ; que disse eu ? que essa menina poderia possuir todos os thesouros da formosura e da virtude ; porém que certamente não tinha recebido esmerada educação ; é isso mesmo, Firmiano ; e ainda bem que a lamentavel falta não pôde estragar e apenas

amesquinha um pouco o merecimento real da bonita Nina.

— Estou vendo que me aconselhas á frequentar a casa de André de Souza !

— Sim e não.

— Neste ponto a minha resolução é definitiva ; explica-me porém a contradicção do teu conselho.

— Frequentando a casa de André de Souza, apreciarás o encanto da familia mais amavel e da sociedade mais escolhida, e adquirirás excellentes e utilissimas relações.

Firminiano fez com os hombros um movimento como se quizesse responder : « que me importa ! »

Felix continuou :

— Não tornando mais á essa casa, ficarás livre de te apaixonar perdidamente por Nicolina.

— A tal paixão seria pois inevitavel ?

— Eu o creio.

— Porque ?

— Porque os germens de um amor ardente mas infeliz, já estão na tua alma.

Firmiano corou; nas palavras amor *infeliz* vio uma allusão á pobreza que o desmerecia mas querendo apanhar bem claro o pensamento de Felix, tornou-lhe dizendo;

— Não tenhas receio : esses germens sec-cárão de todo.

— Ah ! nesse caso...

— E que assim não fosse ? quem te disse que o meu amor havia de ser necessariamente infeliz ? que adivinho, que mago te soprou ao ouvido que não se daria hypòthese possível em que eu conseguisse ser amado ?

Felix fitou os olhos no amigo, e respondeu :

— Nina está para casar, Firmiano.

O rosto de Firmiano tornou-se subitamente marmoreo : o sangue refluiu para o coração.

— Ainda amas Nicolina, observou Felix.

— Não a estimo, disse Firmiano serenando. Admiro-lhe os encantos ; mas se André de Souza me viesse offerecêl-a em casamento, rejeital-a-hia.

— Entretanto a noticia de que ella vai em breve casar-se te fez perder a côr...

— Porque... não sei porque: balbuciou ingenuamente Firmiano.

— Perfeitamente respondido !

— Tambem zombas de mim ?

— Não ; mas se estás seguro de não amar Nicolina, deves ir muitas vezes á casa de André de Souza.

— Decididamente nunca voltarei á ella.

— Não digas assim...

— Posso dizê-lo.

Anoitecêra.

— Vais hoje ao theatro ? perguntou Felix, mudando de conversação.

— Se queres, iremos ; não consigo estudar, preciso distrahir-me.

Firmiano vestio-se para sahir, e tomava o chapéo, quando baterão á escada do sotão.

Um momento depois entrou André de Souza.

Firmiano recebeu perturbado o rico capitalista, Felix como amigo de annos, combinando a intimidade com o respeito.

— Não vim fazer visita de etiqueta, disse André ; supponho-me com deveres que são direitos sobre o menino filho do meu velho amigo, infelizmente já finado.

Firmiano inclinou-se em signal de acatamento.

— Seu pai nunca veio á côrte, proseguio o ancião ; eu porém fui duas vezes á sua provincia ; a casa delle foi então a minha, e recibi festas, como bispo que chega em visitaçãõ á uma parochia da sua diocese. O senhor foi hontem á minha casa, e sahio arrependido da visita que me fez.

Firmiano ia fallar.

— Não quero isto ! exclamou André de Souza ; e logo, ameigando a voz, proseguio : o senhor não conhece Nina, por quem se considera offendido ; pergunte ao seu amigo quem é Nina ; elle lhe dirá quaes são as suas qualidades, e os seus defeitos de menina.

— Na hypothese de que ella tenha por acaso algum defeito, disse Felix sorrindo-se

— Sim... entendo... isso é comigo ; tornou André.

— Eu já mereci de mais, respondeu Firmiano ; sua digna filha levantou-me até á sua altura, offerecendo-me a piedosa mão que beijei ; e curvou-se até aminha humilidade, pronunciando uma palavra em que patenteou a grandeza do seu animo generoso.

André de Souza comprehendeu que o sentimento do provinciano ainda era vivo e pungente ; deixou escapar um movimento de impaciencia, e, de repente, como se lhe tivesse acudido uma idéa agradavel e feliz, sorriu-se e perguntou :

— Onde vão?... encontrei-os de chapéo, e dispostos a sahir : onde vão ?...

— Matar algumas horas no theatro, disse Felix.

— Em qual delles ? temos tantos sem ter um...

— Ainda não assentámos na preferencia.

— Pois vamos juntos, tornou André.

— Ao theatro ?

— Vamos, respondeu o ancião.

Não havia que objectar; os dous mancebos seguirão André de Souza, que desceu a escada adiante delles.

Á porta da rua estava postado o carro; o pagem abriu a portinhola.

— Entremos, disse o capitalista.

Felix não se fez rogar; Firmiano hesitava; mas o ancião empurrou-o para dentro do carro, e entrou logo depois d'elle.

O pagem bateu a portinhola, e correu á tomar o seu posto.

André de Souza gritou ao cocheiro:

— Para casa.

— Admiravel!... exclamou Felix soltando o riso.

Firmiano mordeu os beiços com despeito; deixou-se porém levar preso nas cadeias da antiga amizade de seu pai.

Resistir fôra mais do que ridiculo, fôra selvagem.



VIII.

O procedimento de de André Souza era nobre e generoso ; mas o motivo que o impellia não era sómente a lembrança, o culto da amizade que, se tinha tornado para elle herança do filho do amigo.

André de Souza não mentia, não ostentava com hypocritas protestos o fiel pagamento do santo legado de dedicação ao herdeiro de um nome querido : á esse magestoso. sublime sentimento, porém, se adunava um outro que influa e podia mais em seu coração.

Esse homem sensível e bom, estremecido pai, pai fraco e idolatra, levava aos maiores extremos o amor da filha ; não se conten-

tava com a sua propria adoração, queria, quasi que exigia, que todos, todos sem excepção alguma, admirassem, amassem, abençoassem a sua Nina: ver a filha mal apreciada, mal julgada, era para elle o mais doloroso dos martyrios.

O extremoso pai se tornára escravo de prejuizos pueris e de temores loucos; tinha medo de um máo olhar lançado sobre Nicolina, do resentimento que dardejasse uma praga contra ella; e emfim, no fervor da sua idolatria, não se sujeitava á idéa de que alguém duvidasse da bondade angelica de sua filha; e onde se desenhava uma nuvem, obscurecendo o brilho do seu sol, prompto corria á dessipal-a.

André de Souza sentira Firmiano julgando-se offendido pela menina privilegiada, e resolveu fazêl-o reconhecer o seu erro, e render cultos á Nicolina, que ainda mais lhe alvoroçára o coração, deixando cahir lagrimas de arrependimento ao ver sahir de sua casa tão sentido e triste o mancebo que do seu rir com razão se magoára.

Dous sentimentos pois, ambos dignos da alma de André de Souza, tinham-lhe inspirado a generosa violencia com que conduzia preso Firmiano.

O carro ia rodando com rapidez e o provinciano respirava cada vez mais abalado, á medida que se approximava á casa de André de Souza; nos primeiros minutos pudera Firmiano apenas conter a sua irritação pelo constrangimento de que era victima; mas pouco e pouco foi sentindo a suavidade da exacção, e as delicadezas daquelle dominio exercido sobre a sua pessoa; consequentemente acabou por serenar, e, sem indagar porque, começou a arrepender-se da impressão desagradavel e amarga que lhe causára o procedimento do velho amigo de seu pai.

O carro parou.

André de Souza apeou-se logo, e aos dous mancebos que em seguida saltarão fez elle entrar adiante, e subir até o patamar da escada, como se os acompanhasse de guarda.

— Preso ! exclamou então ; trago-o preso com todas as formalidades policiaes !

E entrou com os dous moços na sala.

Nicolina correu a recebê-los, e com a mais franca expansão de jubilo estendeu a mão á Firmiano, dizendo-lhe :

— Bemvindo seja !...

E só depois de apertar docemente a mão daquelle á quem muito vexára, foi que se voltou para Felix, que a contemplava sorrindo.

Ainda era cedo, e na sala apenas se achavão, além dos recém-chegados, Gervasia, Nicolina e uma joven amiga desta.

André apresentou Firmiano a Gervasia, que o fez sentar á seu lado, captivando-o em breve com a brandura natural do seu trato e com o seu agrado sem artificio.

Nicolina estava tão contente á conversar com seu pai, e este á ouvil-a e á fallar-lhe, que Felix por cortezia, e talvez muito por gosto, procurou entreter a amiga de Nina.

— A sua bondade me poupa ao isolamento, disse Amelia á Felix.

— Se o seu isolamento não foi o encanto da minha boa fortuna, respondeu-lhe este.

A conversação seguiu afinada no tom dessas banalidades sempre melodiosas aos ouvidos das senhoras : mas logo depois D. Amelia perguntou :

— Quem é aquelle moço ?

— Um provinciano meu amigo.

— Sabe ser feio e desageitado !

— E sabe ser bom e honesto, o que vale muito mais.

— Desculpe-me ; não quiz offender o seu amigo ; eu porém, pensando em todo o caso como o senhor, prefiro todavia o bom bonito ao bom feio.

E fitando de novo os olhos em Firmiano, D. Amelia fez um movimento de surpresa e rio-se.

— De que ri ? perguntou Felix.

A moça rio-se outra vez.

— Conhece o meu amigo ?

— Reconheci-o agora.

— Como !... porque ?...

É uma longa historia, em que entra o *peixe-boi* do Passcio Publico.

E rio-se ainda.

Felix ia fallar, quando Nicolina, pondo a mão no hombro da amiga, disse-lhe em voz baixa, meiga, mas séria.

— Amelia, quem rir daquelle moço rirá de mim.

— Nina, tu foste a primeira á rir.

— Mas eu não perdôo á quem abusa dos meus desatinos.

— Ah !

Nina já se tinha voltado e foi sentar-se junto de Firmiano.

— O senhor tem um grande defeito, disse ella ao mancebo apenas sentou-se.

— Tenho mil, minha senhora, disse Firmiano com seriedade e desconfiança.

— Não sei, não digo que não ; mas por ora só lhe conheço um, tornou a menina : é negligente.

— Nina ! disse Gervasia receiosa das leviandades da filha.

— É, mamã, elle é negligente ; trazia uma carta para papai, e pela data da entrada do paquete á vapor em que chegou ao Rio de Janeiro, como hoje verifiquei examinando

os *Diarios*, vê-se que se esqueceu da carta por mais de dous mezes

— Sr. Firmiano, observou D. Gervasia, eu creio que minha filha tem razão.

O pobre Firmiano não soube o que dizer.

— E veja, mamãe, elle nem se pôde desculpar: é réo confesso; mas tem um meio de remir a sua culpa e de alcançar o nosso perdão.

— Qual é o meio? perguntou Firmiano com voz tremula.

— É durante um mez fazer o sacrificio de vir tomar chá connosco todas as noites.

— Um mez só?! exclamou André de Souza que se approximára.

— Ah! papai! convem que a sentença não seja rigorosa de mais, para que o réo não fuja da justiça: no fim do mez verá que não precisarei que m'o traga preso.

— Porque?

— Porque predêl-o-hei eu mesma.

Firmiano estava perdido em abysmos de perturbação, escutando tantas finezas á que

não sabia ou não podia responder com o socorro das palavras.

Felizmente para elle começavão á chegar familias amigas.

Firmiano sentia-se dominado pelo prestigio, pela graça, pela feiticeira amabilidade da offensora arrependida.

Nina levára ao extremo, e com um melindre de que sómente a mulher possui o segredo, o dever de amplas e subtis satisfações dadas sem a mais leve allusão ás magoas soffridas pelo provinciano, que estava alegre, feliz, quando ás nove horas da noite chegou o mais elegante cavalleiro, o Dr. Vidal, que foi recebido com apurada distincção pelos donos da casa, e com certo vexame e enlevo por Nicolina.

Firmiano adivinhou no Dr. Vidal o noivo de Nina, e de subito cahio em melancolia que debalde empenhou-se em vencer.

Ainda uma outra familia entrou na sala, e Nicolina correu á beijar uma linda mocinha da sua idade, a quem chamou Ericia,

indo sentar-se com ella ao lado de D. Amelia.

Passados breves momentos, Ercia, docemente acotovelada por Amelia, e obedecendo-lhe ao habil volver de olhos, fitou Firmiano, rio-se por sua vez, e disse :

— O moço do *peixe-boi* !...

— É um homem sagrado n'esta casa, observou-lhe Nina ; respeita-o, Ercia.

E conversou com a amiga em segredo.

Mas Firmiano, attento e curioso, tinha ouvido as palavras de D. Ercia ao reconhecê-lo, e ainda teve de corar de vergonha, vendo-se perseguido pelo ridiculo, que a menina estouvada provocára.

A chegada e a presença do Dr. Vidal, e a designação com que D. Ercia marcára o provinciano, produzirão os seus effeitos.

Firmiano sentio-se fulminado duplamente pelo escarneo passado e pela piedade presente de Nicolina.

IX.

Uma sociedade pouco numerosa, mas escolhida, amena, cordial, prendia mais um anel á cadeia das noites risõhas e felizes que se gozavão na casa de André de Souza.

Bellas jovens cantavão, os moços e até os velhos contradançavão com ellas, todos se empenhavão em inventar folguedos, jogos innocentes, entretenimentos novos.

Conversava-se muito; era porém prohibido, por accordo geral, discutir politica, e murmurar dos ausentes.

Só Firmiano estava triste no seio da alegria.

O amor e o orgulho fazião que o provinciano olvidasse até as noções triviaes da boa

companhia, expouo-o á desafinar o contentamento de todos com a inoportuna e incommoda tristeza de um só.

Firmiano era injusto. Recebêra de Nicolina tudo quanto da generosidade se pôde exigir em reparação de leve offensa; a bella menina se chegára á elle, e offerecendo-lhe a mão delicada, lhe pedira perdão; na noite que ia correndo, o recebêra, dizendo-lhe jubilosa: « Seja bemvindo! » accusára-o de negligencia por não ter vindo á sua casa mais cedo, condemnára-o ao gozo de um mez de innocentes prazeres, e com astuciosa fineza lhe provára que se tinha d'elle occupado, examinando nos *Diarios* a data da sua chegada á capital do Imperio; era muito, ou pelo menos era bastante para transformar em gratidão o resentimento do joven provinciano.

Mas o Dr. Vidal viera como phantasma sinistro desfazer o encantamento do pobre Firmiano, lembrando-lhe o proximo casamento de Nina, o impossivel diante do seu amor não confessado, porém real e vehemente.

O amante infeliz vingava-se, reavivando a dôr dos escarneos e reacendendo o orgulho alvoroçado ainda na vespera, dir-se-hia que inventava pretextos para aborrecer Nicolina, pois que lhe morria a esperança de ganhar o seu amor, e n'essa luta de sentimentos contrarios obumbrava-se em sombria tristeza.

André de Souza explicára aos seus amigos a gravidade secca e umbrosa de Firmiano pelo acanhamento e vexame de quem não se achava habituado á frequentar as sociedades festivas da capital; mas por fim revoltado contra a pertinaz melancolia do seu novo hospede, foi direito á elle, e disse em alta voz:

— É estatuto da casa que ninguem tenha n'ella o direito da immobildade, da meditação, e ainda menos da tristeza; eia! a pé, meu provinciano!

E voltando a cabeça para o concurso dos amigos, perguntou alegremente:

— Qual das senhoras obriga este paralytico taciturno á dansar uma quadrilha?...

— Eu, papai! exclamou Nina.

E immediatamente o piano deu o signal de uma contradansa.

O pobre Firmiano, embora de má vontade, teve de levantar-se para dar a mão á Nicolina que se adiantava já á buscal-o.

Tremulo e perturbado, volvendo o olhar suspeito de Ercia para Amelia, e d'esta para Nicolina, como á espreitar algum signal de intelligencia e zombaria; desconfiado de si, desairoso de natureza, Firmiano, que nunca dansava, via se violentado ao que se lhe afigurava cruel sacrificio.

— Não sei, nem devia dansar, minha senhora, disse elle á Nina; veja porém que me cumpre obedecer, e ainda uma vez farei ridicula figura.

Nina corou de leve, e respondeu :

— Ninguem seria capaz de ridicularisar aqui um amigo nosso; e expôr o Sr. Firmiano ao ridiculo, se isto fosse possivel, seria da nossa parte criminoso e indigno esquecimento de todos os deveres.

— Não tive semelhante idéa, tornou Fir-

miano : é que nem ao menos tenho o dom de me exprimir bem.

— Mas tem o dom da memoria implacavel, disse-lhe a joven sentidamente.

Era a primeira vez que Nicolina alludia aos desgostos que dera á Firmiano ; mas a referencia foi queixa tão mimosa e commovente, que o mancebo arrependeu-se do que dissera, e balbuciou tremendo a doce palavra que no antecedente dia tinha ouvido á menina :

— Perdão...

— E o senhor já me perdoou ?

— Ah ! minha senhora ! vossa excellencia, quando me pediu perdão, foi logo abençoada por Deos ; pois que, anjo de caridade, exaltou o humilde com a esmola de sua virtude.

Nina fitou seus bellos olhos nos de Firmiano, querendo ler n'elles o que havia de obscuro ou de ironico no que acabava de ouvir.

Ficárão ambos em silencio. A quadrilha começou.

Nina dansava com enlevadora graça, e n'essa noite como que ostentou requinte de galanteria. Firmiano não dançou, andou ás tontas e escapou de desordenar a primeira contradansa sómente porque o seu lindo par o dirigio com habilissimo cuidado.

O mancebo teimava em conservar-se tristonho e silencioso.

Nina impacientava-se; mas contendo-se ainda, perguntou :

— Porque está triste?...

— Nem sci, minha senhora; vivo assim.

— Desde quando?

Nina arriscára uma pergunta leviana; Firmiano respondeu ineptamente :

— Desde sempre.

Sem duvida Nina fazia já máo juizo da intelligencia do provinciano; pois, não dando importancia á frieza da resposta, continuou :

— Mas não acha que, estando á meu lado, e dansando commigo, a sua melancolia deve ser, pelo menos, uma desconsolação para mim ?

— Minha senhora, sou um rude provinciano...

— Não é; e todos quantos nos rodeião e nos olhão hão de estar pensando que sou tão feia e tola, que nem lhe mereço attenção, nem consigo distrahir-o por cinco minutos das suas meditações.

Firmiano sentio o coração á querer-lhe fugir-lhe do peito; Nina vio-lhe no rosto a commoção, e accrescentou logo, dando á sua vez um tom engraçadamente imperioso:

— Quero vê-lo alegre! sabe? fizerão-me princeza reinante e absoluta aqui; habituei-me á mandar e á ser obedecida; ordeno-lhe que se sorria para mim!

E ao asento com que a ordem fôra dada, Firmiano sorriu-se sem fingimento.

— Ainda bem! proseguio Nina; o resentido que ri, perdoou. Agora estão feitas as pazes definitivamente, seremos bons amigos, e hei de convencê-lo de que, embora estouvada, não sou má, como talvez me suppôz.

Firmiano dobrára-se ao encanto da perigosa sereia; esqueceu o episodio do Passeio

Publico, as risadas da vespera, o proprio Dr. Vidal, e mostrou-se alegre, sem comtudo vencer o seu acanhamento, que augmentava a vacillação e o desazo com que constantemente se expunha á desconcertar a contradansa, que emfim terminou sem maior desgosto para elle.

— Domesticaste-o, Nina? perguntou D. Ercia á amiga.

— Não ; sómente tornei á pedir-lhe perdão, e elle foi tão generoso que se alegrou para dar-me alegria.

Com effeito Firmiano parecia tão contente, que Felix foi dar-lhe parabens, e Nicolina tão radiosa de prazer e felicidade, que, em avidez de completa dita, pediu á seu pai que apresentasse o Dr. Vidal ao joven provinciano.

Evidentemente faltára á Nicolina o seu instincto de mulher.

André de Souza não se fez rogar, e levou o Dr. Vidal á Firmino.

Nina embebeu os olhos no grupo.

— Apresento-lhe o melhor dos amigos no

Sr. Dr. Vidal, disse André de Souza á Firmiano; elle já o aprecia e estima, e tenho a certeza de que os laços da amizade que hoje vão tecer-se entre os senhores, brevemente se apertarão muito mais.

O pai, ainda mais desastrado que a filha, deixára transparecer uma allusão ao casamento de Nicolina.

Firmiano respondeu com polidez á André de Souza, e aceitou a mão que o Dr. Vidal lhe estendia; trocou com este palavras de comprimento e protestos de apreço, cujo valor é problemático, porque as convenções da boa companhia os obrigão; mas, embora conversando com o noivo de Nicolina, que junto d'elle se sentára, seu rosto de novo se anuviou com o denso véo de pesada melancolia.

— Que selvagem! não o entendo... disse comsigo Nicolina.

E como se lhe tivesse ouvido a impaciente e desgostosa observação, a maliciosa Ercia chegou a boca ao ouvido de Nicolina, e disse-lhe:

— Fiz uma descoberta...

— Qual?

— Entrou mais um padecente para o rol dos teus captivos, fatal conquistadora !

— Quem é?...

— Sou capaz de apostar que o moço do *peixe-boi* morre de amores por ti.

Nicolina fez um momo gracioso, e respondeu sorrindo-se :

— Ciumenta !

X.

Felix e Firmiano não quizerão aceitar o carro que André de Souza insistia em mandar levarlos ás suas casas.

A noite era bella e fresca; os dous amigos teimárão em voltar á pé.

— Muito bem, Firmiano, disse Felix, estás de perfeita harmonia com a bonita Nina.

— E que mais?

— Foste o objecto especial de todos os seus obsequiosos cuidados esta noite.

— E que mais?

— Achaste o que procuravas com tanto ardor.

— Que foi que achei ?

— A inspiração para escrever o teu desejado romance.

— Devéras ? como porém acho-me inspirado e não sinto a inspiração ?

— Pobre Firmiano ! a inspiração te abrasa o seio ; tu amas Nicolina ; cada um de nós tem o seu romance na vida : o teu começa agora.

— E o teu ?

— O meu ?... já por dez ou doze vezes tenho acreditado estar no vivo desenvolvimento do meu romance ; mas dez ou doze vezes deixei ou deixárão-me a historia nos primeiros capitulos, d'onde se segue que ha amores falsos, e um só que é verdadeiro ; os falsos são os romances que se interrompem e não acabão ; o verdadeiro é aquelle que chega ao fim, e que ainda terminando desgraçadamente, se conserva para sempre escripto no coração.

— E não se esquece mais, Felix ? perguntou com voz commovida Firmiano.

— De todo nunca se esquece.

— Pois isso é horrível !

— Porque?...

— Porque... eu amo Nicolina.

— É o teu romance desgraçado. Eu te preveni d'esse perigo : pobre Firmiano ! se ainda é tempo, domina-te ; não deves amar essa menina.

— Facil conselho ! amo-a eu por deliberação da minha vontade ?

— E de que serve a razão ao homem ?

— N'estes casos não serve para cousa alguma : é uma potencia sem poder, uma luz que mostra o mal, e não nos afasta do mal.

— Firmiano, o Dr. Vidal é o noivo de Nicolina, escolhido por ella, aceito com satisfação pela familia da noiva.

— Não o ignoro.

— O Dr. Vidal, ainda mesmo que chegasse apenas hoje á casa de André de Souza, provavelmente te excluiria de qualquer pretensão ao amor de Nicolina.

— Não duvido.

— Nem é racional duvidal-o.

— Nem é racional ?

— Escuta a verdade, ainda que ella te seja dolorosa: és dotado de grandes virtudes; asseguro-te porém que o Dr. Vidal não o é menos.

— Que mais?

— Que mais? em tudo mais o Dr. Vidal te é superior: é bonito e elegante, e tu não podes ter a pretensão de sê-lo; é muito illustrado e brilha pelo espirito; tu sabes pouco e perdes por acanhado; é tão rico de cabedaes como o pai de Nicolina, e tu és homem pobre e sem esperanças de riqueza; elle tem direito á esperar o mais deslumbrador futuro, á subir ás mais altas posições sociaes, e tu lutarás por muito tempo para obter um modesto emprego publico; elle, emfim, possui todas as distinctas condições moraes que tambem tens, e reúne a ellas todos os encantos, attributos e thesouros que te faltão. Podes lutar com o Dr. Vidal?

— E quem te fallou em luta? respondeu Firmiano com voz repassada de dôr acerba.

— Duvidas do seu merecimento?

— Bastou-me uma noite para reco-

nhecêl-o; pareceu-me um perfeito cavalleiro.

— Muito bem, Firmiano! eu te reconheço n'essas nobres palavras.

— Mas se é verdade! disse Firmiano.

— Pois deixa que a verdade em brasa te cauterise o coração ferido. Acreditas que sou teu amigo?

— Depois de minha irmã, és a pessoa á quem mais estimo, e em quem mais confio.

— Pois se eu fosse pai, e tivesse uma filha, preferiria o Dr. Vidal á ti para meu genro.

— E procederias bem.

— Pensas devéras como eu?

— Penso.

— Que esperas então do teu amor?

— Não espero nada.

— Suffoca-o, mata-o portanto.

— É bom de dizer! eu não quero amar, e amo; sei que me espera n'este amor o maior tormento, e procuro-o, á pezar meu; dizes-me que não ame?... dize á um doudo que não doudeje, á mariposa que não se

queime na luz, ao avarento que não corre para onde vê brilhar o ouro...

— Não tornes mais á casa de André de Souza.

— Para que protestos vãos? amanhã á noite voltarei ao inferno da minha alma.

Felix não tinha calculado com tão grande intensidade de incendio; esquecêra que as paixões conquistão e escravisão de improvizo as naturezas virgens e rudes, os corações novos e simples.

Compadecido do amigo, e querendo á todo custo salvá-lo de uma paixão desgraçada, tentou tirar partido das boas qualidades e dos defeitos que perfeitamente n'elle conhecia, explorando contra esse amor a força da sua dignidade, e os melindres do seu orgulho.

— Firmiano, disse-lhe, volta amanhã e muitas vezes á casa de André de Souza, se isto te convem ou é imprescindivel; prepara-te porém para soffrer as consequencias de semelhante erro: a tua paixão ha de manifestar-se, e peor que o ridiculo que te ames-

quinhará, uma apreciação falsa e injusta dos teus sentimentos lançará turva suspeita sobre o teu character.

— Que queres dizer ?

— Todos julgarão de ti pelas miserias e indignidades que infelizmente com frequencia se observão na nossa sociedade : hão de pensar que és como tantos outros, que, pobre e ambicioso, andas á caça de um casamento rico, e armas laços á uma noiva, cujo dote regenerere a fortuna perdida por teu pai.

— Menos isso ! exclamou Firmiano com vehemencia.

— Bem o sei, disse Felix.

— Fazes-me justiça ?

— Plena.

— Obrigado duas vezes ; uma pela confiança que te mereço, outra pelo aviso que me déste ; eu nem tinha pensado em tal ! especulador de noiva rica ! tens razão ; é natural a suspeita ; mais uma dóse de veneno pouco importa... procederei convenientemente...

— Tenho-te feito mal, Firmiano!

— Ao contrario; tu és a minha luz.

— Vê pois, e segue o caminho da prudencia que te mostro...

Firmiano sorriu-se com amargor e respondeu :

— Sim... amanhã á noite seguirei o caminho da casa de André de Souza.

Os dous amigos separarão-se.

Chegando ao seu triste sotão, Firmiano deitou-se para não dormir.

A belleza de Nicolina, a suavidade de sua voz, o encanto do seu espirito, a felicidade do Dr. Vidal, perseguirão o infeliz mancebo menos ainda do que a idéa sinistra que Felix atirára entre o seu amor e a sua pobreza, a suspeita de especulação na pureza do seu amor, e na honestidade do seu caracter.

XI.

O amor é sempre mais ou menos insomne: o amor desgraçado vela a noite toda, o feliz vela uma ou duas horas.

N'essa mesma noite em que Firmiano se consumira em afflições até o romper do dia, Nina também pensára não pouco antes de adormecer.

Mas sonhára acordada, e sonhára á sorrir como sonha a noiva que sabe que é amada e conta com a felicidade.

Havia apenas um anno que Nicolina se lembrára seriamente de casamento; antes d'isso, desvanecida e faceira, só ambicionava cultos de admiração; com as amigas

de sua idade conversava ás vezes sobre noivos e casamentos com o interesse porém e com a innocencia com que dos oito aos treze annos se occupára dos baptizados das suas bonecas.

Tambem ás vezes pensava em amor; mas o amor que imaginava era como o dos romances que lia com lamentavel enlevo do coração, amor contrariado, violento, interessante pelas lagrimas, tempestuoso pelas lutas, sublime pelos sacrificios: sem esse apparelho de tormentos, sem victoria após combates, sem aurora brilhante depois de noite borrascosa, não comprehendia o amor.

„ Mas havia um anno que seu pai lhe apresentára o joven Dr. Vidal que acabava de sahir da academia de S. Paulo; era o mais bello e elegante mancebo que até então apparecêra á seus olhos, e que em breve a impressionou, primeiro com a conversação mais agradável e amena, e depois, em discussões á que o chamárão, com o acerto e profundeza de seus juizos, e com o radiar oppor-

tuno e não pedantesco de illustração e de severos estudos.

Era noite, e como de ordinario na casa de André de Souza, noite de festiva companhia. O Dr. Vidal, com o ardor dos seus vinte e tres annos, mas sem ostentação de máo gosto, demonstrou que recebêra também esmerada educação no cultivo das bellas-artes: executou no piano peças de grande força e arrebatou a sociedade com a doçura e extenção de sua voz de baritono, e com o sentimento que deu á execução da musica que interpretou, cantando.

Dias depois Nina teve ainda de applaudir o Dr. Vidal, como poeta lyrico, em lindos versos escriptos de improviso no seu album, em outra pagina do qual admirou-lhe a delicadeza e verdade do desenho na figura symbolisadora da esperanza que rapidamente esboçou.

Foi então que Nicolina seriamente se lembrou de casamento, vindo mais tarde a saber o que menos a preocupava, isto é, que o Dr. Vidal era tão rico de fortuna como seu

pai, e que a influencia poderosa de sua familia assegurava esplendida posição social ao seu incontestavel e superior merecimento,

A filha de André de Souza nem então desmentio ás falhas de sua edueação e aos consequentes senões do seu earacter; reconhecendo que o Dr. Vidal era um noivo completamente recommendavel, distincto, insigne e capaz de aditar a mulher de sua escolha, comprehendendo que seus pais e todos a julgariam afortunada se se casasse com elle, sentindo que, além do merito pessoal, a fortuna material do feliz mancebo o realçava e erguia talvez á maior altura que a sua, Nicolina maldisse da riqueza e da grande influencia da familia do Dr. Vidal.

Não era esse o amor com que sonhára, e todavia o seu coração lutava com a sua extravagantemente romanesea imaginação.

O Dr. Vidal amou-a e não procurou disfarçar os seus sentimentos. André de Souza e Gervasia enearecêrão, quasi divinisarão o bello genro em expectativa.

Nicolina vio na facil expansão do amor que inspirára á Vidal a arrogancia do orgulho de quem por ventura se considerava seguro de ser amado, e no entusiasmo de seus pais pelo bello pretendente uma desconhecida exaggeração que a mesquinhava.

Ninguém se antepunha ao Dr. Vidal, que á todos parecia inapreciavel thesouro ; não havia opposição ao seu amor, nem o mais leve embaraço ás suas pretensões de casamento : isso a desconsolava.

O amor proprio, o genio contradictorio, a excentricidade presumpçosa da estouvada Nina se revoltarão e a fizerão resistir por muitos dias com simulada indifferença aos extremos empenhos e ás adorações do Dr. Vidal ; mas por fim mais forte foi o coração.

Nicolina amava, talvez á pezar seu, o elegante mancebo, deixou-se a ouvil-o, deixou-se prender, confessou-se grata e compassiva... confessou-se tambem captiva de amor.

As duas familias entenderão-se, approvando e abençoando os laços que ião unir os

dous jovens; e elles, namorados e amando-se, sonhárão futuros de felicidade e encantamento, quando a morte subita do pai de Vidal veio demorar a celebração do casamento, que ficou adiado para o fim do luto.

Nicolina respeitou o triste mas sagrado motivo que lhe retardava a dita; erão seis mezes á esperar... seis mezes custão tanto á arrastar-se quando se ama e se espera!...

Foi em meio d'essa dilação, ao começar o quarto mez do luto pesado de Vidal, que Firmiano appareceu na casa de André de Souza, e que corrêra a noite em que o amante infeliz velára pensando na belleza de Nicolina, na gloria do seu rival, e na suspeita indigna especulação que podia ultrajar a pureza dos seus sentimentos.

Nina tambem pensára não pouco antes de adormecer n'essa mesma noite: pensára duas horas, pensando no amor de Vidal, no seu lindo vestido branco e no seu véo de noiva, na festa do casamento e nas amigas, com quem repartira os botões de flôres de laranjeira da sua corôa virginal; pensára no fu-

turo de uma vida de saráos, de passeios, de esplendor e de perfeita felicidade ; pensára de novo outra vez, dez vezes em tudo isso, e pensando ainda no dia do casamento, pensou no primeiro beijo que Vidal lhe imprimiria nos labios, corou, e docemente enleuada nas confusões do pejo, cerrou os olhos... e dormio.

Nem um só instante se lembrára de Firmiano.

Mas, despertando no dia seguinte, e revolvendo-se preguiçosa no leito, poz-se á ruminar á noite da vespera, e de subito rio-se.

Rio-se porque recordára as palavras de Ercia : « Sou capaz de apostar que o moço do *peixe-boi* morre de amores por ti. »

Com effeito Nina tambem notára que Firmiano muitas vezes a tinha olhado com ardente fogo ou com furor selvagem, com amor ou com odio.

Em sua angelica bondade repugnava-lhe acreditar no odio ; mas o amor de um ho-

mem tão feio e tão desgraçado fazia-lhe vontade de rir.

Arrependida do que por seu estouvamento soffrêra Firmiano, sabendo-se infortunado, e filho de um amigo de seu pai, empregára todos os agrados e todos os obsequios para conquistar a estima do mancebo pobre, jurára á si mesma ser sua boa amiga, e concorrer effectivamente para melhorar a sua posição material e social; mas nem por louca vaidade lhe viera á mente provocar os cultos de adorador tão mal parecido.

Mas, suppondo-se então por momentos amada, requestada por Firmiano tão feio, sempre vexado até o ridiculo, sempre embaraçado no fallar, no responder, assalvajado no andar, espantado no olhar, triste de figura, pauperrimo de espirito, não se continha, e pois que estava só, ria-se perdidamente, e sem constrangimento.

E foi rindo-se que deixou o leite, e se occupou do seu toilette da manhã.

E diante do toucador, feliz por achar-se bonita, mais do que bonita, encantadora,

contemplando no espelho a opulencia de seus finos, formosos e immensos cabellos que lhe cahião em ondas, á dous palmos do chão, deleitando-se na apreciação de suas graças, e comparando o proprio merecimento com a idéa do amor, e com a lembrança da fealdade de Firmiano, mais de uma vez deixou cair o pente, desfazendo-se em desatado rir.

XII.

Nicolina suspeitava apenas da paixão de Firmiano; mas, acabando de rir, de pentear-se e de vestir-se, ao olhar-se ainda uma vez ao espelho, tão linda se admirou, que decidiu ser mais que certo, ser imprescindível, o amor do pobre mancebo.

Que olhos, que cegos não fossem, poderiam resistir ao poder dos seus encantos?... que coração escaparia de ser avassallado pela sua peregrina formosura?

— Ama-me, disse ella á si mesma, isso porém não é desrespeito, é culto obrigado, de que só tem culpa a minha belleza. Nem devo rir... devo sómente lamentar o pobre Firmiano.

E satisfetissima de si, foi ligeira e jubilosa receber na face o beijo de sua mãe, na frente o beijo de seu pai.

Durante o dia Nina não rio-se mais da lembrança do amor de Firmiano, embora uma ou outra vez essa idéa lhe passasse em vôo não contido pelo espirito.

Em todo caso Firmiano era ainda um captivo rendido á seus pés, e adorando de joelhos a sua divindade.

O desvanecimento de uma senhora é como a avareza de um homem; tem o infinito na insaciabilidade.

Chegada a noite a apaixonada noiva esperou anciosa ver entrar o Dr. Vidal; tendo porém á seu lado o elegante e amoroso mancebo, ainda deixou o ouvido preso ao ruido de quem subia a escada, e os olhos á esperar voltados para á porta da sala.

Curiosidade de vaidosa, Nicolina desejava que Firmiano chegasse, queria ter a sancção da lealdade do seu espelho que lhe assegurára imprescindivel o amor do joven provinciano, que aliás não podia ser amado.

Firmiano demorou-se; foi o último dos amigos que nessa noite concorrêrão á casa de André de Souza; mas enfim appareceu, e mostrou-se menos melancolico do que na vespera, embora sempre atado em seus modos, e como em desconfiança de si mesmo.

— Reincidio no peccado do descuido, fazendo-se esperar tanto, disse-lhe Nina apertando-lhe a mão; como porém não nos esqueceu de todo, perdão por esta vez, e seja bemvindo!

Firmiano tinha resolvido esforçar-se por mostrar algum espirito naquelle serão festivo; mas começou pela mais infeliz das lembranças, respondendo:

— Enganei-me na hora; o meu relógio tinha parado, minha senhora.

— Nina, disse Ercia á amiga, evidentemente o moço quer que lhe dês corda... ao relógio.

— Acerta o relógio delle pelo teu, Ercia; é uma condescendencia que devo á tua amizade, pois que tomas tanto cuidado neste moço.

— Firmiano conversava com D. Gervasia, e nem sequer olhava para Nicolina; pouco depois dirigio-se á André de Souza, e em seguida á Vidal, a quem tratou com distincção e agrado, e ou por vexame ou de proposito não fea côrte á senhora alguma, ostentando placidez e indifferença sem discortezia.

Vingança ou provocação, Nina obrigou Firmiano á dansar segunda vez com ella; viva e impetuosa conversou de modo á autorisar finezas, e só teve respostas de enleio inexplicavel, ou de civilidade respeitosa; um pouco ou muito contrariada, vingou-se cruelmente, abandonando o rude cavalleiro aos seus proprios recursos no fim da contradansa, que terminou em completa confusão que fez rir a todos.

Firmiano estava aturdido e envergonhado.

— Bravo! exclamou André de Souza acudindo e abraçando o filho do seu finado amigo; bravissimo meu joven dansarino! aqui é de rigor que cada um por sua parte alegre e faça rir aos outros: a minha vez chegou

depois da sua. Nina, ao piano! tens de acompanhar-me, porque vou cantar.

— O que, papai? Vm. cantar?...

— Ao piano, teimosa! vou cantar a aria de Dulcamara.

Nina obedeceu, rindo-se; sentou-se ao piano, e acompanhou a pretendida aria de Dulcamara do *Elixir d'Amore* que André de Souza, com voz rouquejante e escandalosamente desafinada, não pôde levar ao fim do setimo ou oitavo compasso, porque risadas estrondosas interromperão o seu canto.

André de Souza tinha acudido delicadamente á Firmiano; Nicolina simulou vir em soccorro de seu pai.

De repente o ruido se trocou em silencio profundo.

A voz suavissima de Nicolina se desprendera, concentrando almas e corações de quantos podião ouvil-a no gozo enfeitado dos ouvidos.

Era uma voz extensa, maviosa, de sentimento e de amor, doce e terna como a saudade; commovida como o gemido de uma

santa, afinada para as orações que são cantadas á Deos.

Nina cantou o — *oh dolce guida-me* — de Anna Bollena e alcançou em triumpho os applausos de todos e as lagrimas de alguns.

Firmiano se deixára arrebatado pela voz de Nicolina; mas em seu mais vivo transporte, como que ao subito despertar de estranho pensamento, reagiu sobre si mesmo, conteve o seu enthusiasmo e por fim applaudio a menina encantadora sem comtudo manifestar-se fascinado por ella.

Não escapára á Nicolina nem a commoção que o seu canto produzira á principio em Firmiano, nem o immediato arrefecimento do seu ardor, e procurava explicar aquella rapida mudança de impressões, quando ao sentar-se ao pé de Ercia, esta observou-lhe em voz baixa :

— O teu apaixonado enregelou-se esta noite : porque seria ?

Nina fingio não entender a importuna amiga e respondeu :

— Nunca me fallou mais ternamente do que hoje.

— Qual! nem sequer mostrou-se enlevado pelo teu *dolce guida-me*.

— Ora! veio apertar-me as mãos e disse-me: « Se eu fosse cego, amarte-hia, como te ama. »

— Mas se elle não sahio do seu lugar?

— Pois não viste o ardor com que correu á mim?

— Quem, Nina?

— Quem? o Dr. Vidal.

Ericia bateu com a ponta do seu leque no hombro de Nicolina, e tornou-lhe com malicioso tom:

— Tu bem sabias que eu não fallava do Dr. Vidal.

— Ah!... eu tenho aqui outro apaixonado?

— Aqui e fóra d'aqui tens por certo muitos; mas eu me referia ao teu apaixonado de hontem, que hoje me parece desapaixonado.

O adjectivo *desapaixonado* foi como a ponta

de um alfinete que ferisse a menina vaidosa.

— É verdade! nem me lembrava... disse Nina alegremente; então elle enregelou-se?...

— Parece que sim...

— A sua paixão eclipsou-se?...

— Parece que sim...

O *parece* que Ercia pronunciava com accento monotonico e ironico, e com um certo quê de remoque, irritou a imperiosa Nina.

— Em tal caso toma-o para ti, disse ella; sou boa amiga, e quero dar-te de presente as conquistas que me sobrao.

— Ah! Nina! é muito facil e commoda esta doação que fazes do escravo que se emancipou!

Nicolina ouvira ou não ás ultimas palavras de Ercia; tinha-se levantado; sentia-se um pouco despeitada, desejosa de confundir Ercia; avida de cultos de amor bem manifestos e ostensivos de Firmiano para o alardo do seu desprezo, achava-so descontente, contrariada, e sem inspiração alguma,

e coagida á simular alegria pelo proprio melindre da vaidade.

Ella sabia instinctivamente todos os segredos da arte de agradar, de fascinar, de escravisar o homem sem comprometter-se; julgava facil a tarefa de enlouquecer de paixão Firmiano, e de arrastal-o a seus pés de irresistivel dominadora; mas Ercia, a maliciosa, estava alli, olhando-a, observando-a, tomando nota de suas acções, dos seus artificios de moça vaidosa, em que era igualmente sabida, e Nina não queria expôr-se ás justas desforras de mil zombarias, do mesmo genero, com que de costume atormentava as amigas, e especialmente a Ercia por mais ladina e estouvada como ella.

— Que tens, Nina?... perguntou-lhe André de Souza, vendo a filha evidentemente preocupada.

— Eu? que tenho, papai?... alegria hoje, esperança de mais alegria amanhã, e se é possivel, de mais felicidade ainda além...

— Parece que não, observou Ercia.

— Desminta a barbara suspeita! disse

Vidal que se exaltára com a clara allusão que Nicolina fizera ao seu casamento.

Nina, sem pensar no que dizia, obrigada a dizer alguma cousa, exclamou :

— O desmentido está no coração, não se diz, sente-se, e é pobre cego quem não o lê nos olhos !

E ella olhava para Vidal.

— E ficamos n'isso ?... tornou André de Souza.

Nina teve medo de perturbar-se, e disse em alta voz.

— Jogos de prendas !

A vontade de Nicolina era sempre decreto de dictadora, sentárão-se todos, formando um semi-circulo.

A desapiedada Ercia murmurou ao ouvido da sua victima n'aquella noite.

— Até que appellaste para a caixinha dos tres desejos !...

— É ainda um recurso que te facilito para ver se consegues conquistar ao menos aquelle moço.

Os jogos de prendas, entretenimento mui-

to em moda nas sociedades da passada geração, expulsos dos salões durante alguns annos do mesmo tempo, á elles de novo tornarão para uma ou outra vez quebrar a monotonia de recreações e gozos invariaveis, e realmente podem aprazer muito, durante uma ou duas horas, quando a graça e o espirito dos jogadores sabem dar-lhes interesse e vida, ou com a engenhosa subtileza que evita o penhor, ou com o feliz disparate que provoca o jubilo, ou com os temores dos erros e com a originalidade e delicadeza dos castigos.

— O jogo do amigo ! disse Nina.

— Bem escolhido, observou-lhe Ercia ; *amigo* é o titulo que precisamente consagraste ao moço.

André de Souza estreou o jogo, e por momentos sahio da sala.

A palavra escolhida para designar o *amigo* foi — *pai*.

— Mas eu nunca joguei jogos de prendas !... disse Firmiano.

— Explica o jogo, Ercia.

— Com a melhor vontade, respondeu esta.

E ensinou á Firmiano que á pergunta: « *como gosta do amigo?* » devia dar em resposta um qualificativo apropriado, mas escolhido de modo á não atraiçoar o segredo da palavra adoptada.

— Por exemplo, concluiu Ercia, o nome do amigo é *Nicolina*; perguntão-lhe: « como gosta do amigo? » o senhor diz logo: « tal e qual como me captivou. »

— E eu fico a noite toda no corredor! exclamou André.

— Póde vir.

O nome adoptado era — *pai*.

André de Souza vio-se perdido com as primeiras respostas, e até que chegou á Firmiano.

— Agora peço agua á boa fonte; como gosta do amigo?

— Amando sua filha, como o senhor.

— É *pai*, disse André de Souza no meio de subitas e explicaveis risadas.

Firmiano foi obrigado á ir para o corredor.

Ericia designou o nome do amigo: —
amor

O condemnado começou á correr o semicirculo, e foi recebendo as seguintes respostas:

- Com azas.
- Em fogo.
- Violento.
- Abrasador.
- Flammejante.
- Tentador.

Firmiano não quiz ouvir mais, e exclamou:

— É o diabo.

Não houve quem contivesse o riso, e Firmiano voltou para o corredor.

— Facilitemos a decifração, disse D. Gervasia; ainda ha pouco ensinárão o jogo, e derão como exemplo o nome *Nicolina*; seja pois *Nicolina*, e não procuremos confundir o nosso joven provinciano.

Acudindo ao chamado, Firmiano prestou a maior attenção ao que lhe respondião.

— Como gosta do amigo? foi elle perguntando.

— Travesso.

— Encantando a todos.

— Feito perdição querida do Sr. André de Souza.

— Sendo o meu peccado de vaidade, e minha cegueira, disse D. Gervasia.

— Fazendo de mim o que lhe parece, disse André.

— Tentando-me para tornar-me seu escravo ufanso do captiveiro, disse Vidal.

— Formoso, mas fatal, disse Amelia.

— Hallucinando e atormentando os innocentes que se perdem por elle, disse Ercia.

— Mas... não póde ser senão o *diabo*, tornou timidamente Firmiano.

Rebentárão novas risadas.

— Adivinhou! é mesmo o diabo! exclamou Ercia.

Mudou-se de jogo para poupar Firmiano

a maior vexame; elle porém se achava já tão enleado e confuso, que em dous outros jogos foi tão infeliz como no primeiro.

A sociedade era delicada e do trato mais fino, e portanto á ninguem lembrou escarnecer do mancebo; antes se empenhárão todos em afagal-o e em applaudir a condescendencia com que se sujeitára á entrar em jogos que não conhecia; mas tambem todos se compadecerão da sua rudeza, e o reputárão simples até o ridiculo.

Firmiano não se deixou illudir pela affabilidade da excellente companhia, e reconhecendo que fizera a mais triste figura, exagerando, como era de seu costume, os máos lances porque passava, maldisse dos jogos de prendas lembrados por Nicolina, e chegou á suspeitar que a lembrança tivera por fim expôl o á novas zombarias.

Por isso, ao retirar-se, despedio-se da bonita Nina com essa frieza polida que se traduz por indiferença dissimulada.

Nicolina recebeu o golpe que feria sua

vaidade, e que immediatamente Ercia a profundou.

— Agora fallo serio, disse esta á amiga; pouco ou nada te importas com o assalvado e feio provinciano; mas devéras que hontem elle te devorava com os olhos em fogo, e hoje apenas te olhou...

Nicolina voltou-se para Ercia e respondeu-lhe sem se desconcertar :

— Não é natural?... depois do fogo a cinza; o moço errou sómente na successão das estações, ou não errou; vio sómente que não colheria fructos no outono, e saltou do verão para o inverno.

E levantando-se, deu alguns passos, e murmurou despeitosa :

— Hei de punil-o.

XIII.

Firmiano adorava Nicolina; mas revoltava-se contra o seu amor sem esperança e susceptível do mais iniquo aleive, e por isso dissimulava o terno sentimento, fingindo impassibilidade ingenua e não intencional.

Nicolina teria de subito esmagado com soberano desdem o amor de Firmiano, se este cusasse arriscar a mais respeitosa declaração; mas depois de tanto rir da simples suspeita da paixão do mancebo, a inesperada indiferença do supposto namorado pareceu-lhe desatenção audaciosa.

É possível que, ainda assim, Nina esquecesse a passageira e insignificante desillu-

são, e que Firmiano cedo deixasse sentir na eloquencia de contemplanções innocentes a flamma que lhe ardia no coração, e em tal caso a vaidosa satisfeita rir-se-hia outra vez em segredo, e o infeliz apaixonado se consumeria no tredo fogo do seu amor desprezado.

Mas, que sem o passassem, Felix e Ercia aggravarão o caso.

Feliz, alvoroçando o orgulhoso melindre do amigo com a idéa de uma suspeita de ignobil ambição que o mostraria empenhado em vender-se ao ouro de uma noiva rica, e em enganar assim a mulher, a victima que prestasse fé á falsas apparencias da mais ardente afeição, abafou o seu amor, e pregou no rosto a mascara da isenção.

Ercia, querendo aproveitar opportuno ensejo para desforra-se das malicias brincadoras com que Nicolino de ordinario a atormentava, atçou-lhea vaidade, e fêl-a desejar submetter e por algumas horas prender ao carro dos seus triumphos o rude provinciano que ousava não admirar extasiado a sua maravilhosa formosura.

Para Nicolina havia dous poderosos incentivos n'esse funesto desejo : um era arrancar do animo de Ercia a supposição de que uma vez, uma só, franqueasse o imperio dos seus encantos ; outro era punir o primeiro homem que negava o tributo de vassallagem á sua belleza.

Nicolina prelibava na confiança do seu poder uma dupla satisfação : quando Firmiano offuscado, captivo, perdido, se enlevasse, adorando-a, incensando-a com os olhos, thuribulos de amor, ella lhe voltaria o rosto com a mais cruel esquivança, e sorrindo-se, diria a Ercia :

— Toma-o agora ; eu t'ó dou.

Evidentemente Firmiano e Nicolina se lançavão em perigosa e louca ladeira, um amando e fingindo não amar, outra não amando e exigindo ser amada; erão duas contradicções vivas que parecião dever distanciar-se, e que naturalmente tendião á approximar-se.

No proceder de ambos faltava o senso commum : a noiva não tinha mais o direito

de querer, de provocar, de exigir cultos de amor, que não fossem os do seu noivo ; o provinciano, amando sem esperança, e impondo-se torturas para esconder a sua paixão, era uma especie de suicida, voltando, frequentando á casa de André de Souza, onde bebia veneno pelos olhos e pelos ouvidos.

Insensatez de ambos os lados.

Mas quem impellia Nicolina era a vaidade ; quem impellia Firmiano era o amor.

Vão prégar bom senso e logica á vaidade e ao amor !... tempo perdido : é pedir o bom senso ao dasatino, e logica ao absurdo.

A vaidade e o amor não se sujeitão á leis, nem á regras, são despotas, e despotas originas : tem nuanças infinitas, inspirações pueris, fraquezas imperiosas, verdade nas contradicções, vida nas illusões, luz na cegueira, sophismas por logica, hallucinação por bom senso.

Não querer a vaidade e o amor assim é não querêl-os, e não querêl-os inutil, improficuamente ; porque elles nascem, desenvolvem-se, agitação, governão, impoem-se

em toda parte, em todos os tempos, sempre, e taes e quaes como são.

É por isso que esta historia da vaidade e do amor é muito verdadeira, exactamente por parecer absurda.

As reuniões na casa de André de Souza raramente se interrompião, ou por alguma noite concedida ao theatro, ou pelo dever suave de ir a familia ás festas e bailes dos amigos.

Firmiano continuou á frequentar assiduamente a casa e a sociedade do bom amigo de seu finado pai; cada vez porém mais desconfiado de si, receioso de máes juizos, ciumento de Vidal, e temendo e não comprehendendo Nicolina, que ora o distinguia pelo agrado animador, ora o confundia por desabrimento inexplicavel, mais profundo concentrou o seu amor, e mais esquivo ou indifferente se mostrou á linda filha de André de Souza.

O amor porém cada dia se exagerava em vehemencia e no esforço sobrehumano para

dominal-o, e impedir-lhe a revelação ; o pobre mancebo tornou-se em dobro rude e aspero, e conquistou a reputação e o nome do *selvagem da sociedade*.

No fim de uma semana a situação se tornára intoleravel para Nicolina, atroz para Firmiano.

E além do que elles dous soffrião, o Dr. Vidal começava á observar cuidadoso sua noiva, que muitas vezes lhe parecia ou distrahida ou enfadada, e André de Souza e Gervasia se inquietavão tambem, adivinhando o motivo dos passageiros agastamentos e abstrações da filha.

À André de Souza afigurava-se impossivel que a sua bonita Nina se interessasse por Firmiano, honrando-o com outro sentimento que não fosse a amizade ; ainda assim porém aproveitou todas as occasiões para fazer avultar o merecimento do Dr. Vidal, e ostentar o grande apreço em que o tinha, ao mesmo tempo que nas conversações intimas da familia, deixava escapar diante da filha, como por acaso, palavras que lembra-

XIV

Os dous amigos caminhavão em silencio : Felix reflectia gravemente, Firmiano pensava em Nicolina, e deu por si e pelo mundo ao chegar á porta da casa onde morava.

— Entras?... perguntou á Felix.

— Sim; ainda é cedo e descansarei por alguns minutos.

Entrados no sotão, Felix sentou-se junto á mesa de estudo, e continuou á meditar.

— Que tens?... pareces-me triste, disse Firmiano.

Felix respondeu :

— Muito triste.

— Porque ? tornou Firmiano com viveza ; que te aconteceu ?

— De que me servirá affligir-te com o infortunio que me acabrunha ?

— Tens razão, disse Firmiano resentindo-se.

— Perdôa ! preciso de ti.

— De mim ?

— Quero um conselho de amigo discreto e de homem de bem : tu reunes as duas condições.

— Mas posso eu aconselhar-te ?

— Só depois de ouvir-me saberás se o podes ou não.

— Falla pois.

— Firmiano, tenho-te escondido um segredo : eu amo loucamente uma linda moça.

— Solteira ?

— Sim ; mas noiva.

— Ah ! exclamou Firmiano lembrando-se de Nicolina.

— Eu não sabia que ella era noiva quando comecei á amal-a, e, que o soubesse, eu a

teria amado ainda assim, á força, á pezar meu!

— E como resistir? mas não conhecias ha mais tempo a formosa moça?

— Não; e sabe tudo, Firmiano; meu pai é intimo amigo de seu pai, riquissimo fazendeiro de uma provincia vizinha, que apenas ha um mez, veio estabelecer-se na côrte; sabe mais: meu pai esteve á ponto de cahir na miseria, victima da crise e quebra dos bancos em 1864, e foi esse amigo que o salvou, compromettendo por elle a sua fortuna; sabe emfim que com apparencia de riqueza, nós somos pobres, eu sou pobre.

— E que importa isso?...

— A filha do amigo de meu pai está promettida em casamento á um mancebo riquissimo de ouro, de virtudes e de illustração, tendo diante de si o futuro mais lisongeiro.

— Ah! Felix! como nos estamos parecendo no infortunio!...

— Apresentado ao seu velho amigo por meu pai, fui recebido com o seio aberto pelo

mais nobre dos homens, por sua digna e santa esposa, e pela mais linda e feliz das donzellas, a quem desde logo, desde o primeiro dia amei com ardente paixão...

— É assim ! é assim ! exclamou Firmiano.

— Em breve, porém, tive noticia do casamento decidido e contratado, vi, conheci o afortunado noivo, e apreciei o seu incontestavel merecimento; mas o encanto me dominava, amei sem querer, e não devendo amar... soffri muito... e, o que é peor, estou fazendo soffrer...

— Como ?

— A minha paixão transpira, manifesta-se á despeito de todos os meus cuidados para occultal-a á todos, e eu começo á sentir o que outros já terão observado e censurado...

— O que ?

— Que a minha presença, o meu culto silencioso, o meu amor mal abafado despertao o zelo do noivo, constrangem os pais da noiva, e perturbão, talvez, a serena felicidade d'esta.

— Acreditas...

Amo sem esperança, e pelo egoismo do amor offendo a amizade antiga de meu pai... esqueço favores, franco e suave acolhimento, e, ainda na hypothese quasi impossivel de conseguir ver-me attendido pela encantadora moça, aniquilaria os planos, o projecto de um casamento que felicitaria plenamente a noiva e sua familia...

— Deves ter soffrido muito, Felix!

— Que devo fazer? reflecto e não decido; abri-me com meu pai, como fallarias á tua irmã...

— Elle?

— Lamentou-me, e disse-me: soffre, e não faças soffrer; o teu egoismo te levaria á ingratidão, e a ingratidão é infame.

Firmiano curvou a cabeça.

— Meu pai nada mais accrescentou.

— Não disse elle bastante?

— Talvez; mas eu teimei em voltar á casa onde tenho preso e perdido o coração...

— A prudencia e o dever te ordenão o contrario.

— Pensas?

— Certamente.

— Serias capaz de obedecer ao conselho que me deu meu pai?

— Se eu estivesse convencido, se suspeitasse que á minha presença em uma casa causava o mais leve constrangimento á seus donos...

— O que farias?

— Ainda na hypothese do amor mais ardente, do amor como ambos sentimos, Felix, eu teria força para não tornar á essa casa.

— E um conselho de amigo discreto, de homem de bem, que me dás?

— É, disse com voz tremula o pobre, o innocente Firmiano.

— Em tal caso não hesito mais em completar a minha confidencia, tornou Felix.

— Que lhe falta?

— O nome da noiva que tu conheces...

— Quem é?

— É Nina.

Firmiano estremeceu, pôz-se em pé e perguntou dolorosamente :

— Pois tambem tu amas Nicolina?

XV

Ericia era travessa, leviana, innocentemente maliciosa, e tambem generosa e boa como Nicolina de quem era amiga dedicada.

Nina sabia pagar-lhe a amizade ; de todas as suas camaradas da infancia as predilectas erão Amelia e Ericia ; e se á uma das duas dava ainda preferencia, que aliás não manifestava, era á segunda, cujo character, até nos senões, mais se assemelhava ao seu.

Desde algumas noites Ericia não gracejava mais com a amiga, alludindo ao amor e desamor de Firmiano, e na ultima, em que este e Felix se retirárão muito cedo, como que procurou avivar a alegria no animo de Nina em todo o resto do serão.

Por fim, ao approximar-se a hora da despedida, Ercia disse-lhe :

— Ha quasi um mez que não passamos juntas um dia !

— É verdade, Ercia ; vivemos como duas inimigas : dia de amanhã deve ser nosso.

— Era o que eu queria propôr ; pedirei á meu pai para trazer-me á jantar contigo amanhã.

— Não ; irei eu pedir-lhe que te deixe comigo desde hoje até amanhã á noite pelo menos.

— Ainda melhor.

Nina correu ao pai da sua amiga :

— Faça de conta que Erica acaba de torcer um pé...

— Como ? perguntou o pai, querendo levantar-se para ir ter com a filha, a quem vio logo socegada e meigamente á olhal-o.

— Tranquilise-se ; nenhum mal aconteceu ao seu idolo ; faça de conta...

— Que se segue ?

— Que tendo ella torcido um pé, não póde

sem grande incommodo retirar-se hoje para casa.

— Mas se ella não volta á pé...

— Dóe muito subir ao carro com o pé magoado, torcido, despedaçado...

— Ah! sendo o caso grave assim...

— Deixa-a ficar comigo?

— E quando me restituirá Ercia perfeitamente restabelecida?

— Amanhã á noite: convém?

— Não se resiste á medico tão milagroso.

Uma hora depois Nina e Ercia estavam sós na camara da primeira, perto de cujo leito se armára um outro para á querida hospede.

O espaço que separava os dous leitos era bastante curto para que as duas moças pudessem conversar em voz baixa.

— Tens somno? perguntou Nicolina?

— Eu não.

— Nem eu.

— Por meu voto amanheceria dansando.

— Pois a mim o serão d'esta noite me fatigou um pouco.

— Porque?

— Nem sei...

— Sabes.

— Queres renovar os teus epigrammas?

— Desde alguns dias que não m'os ouves mais, e juro-te que me arrependi dos meus imprudentes remoques.

— Offendi-te por acaso, Ercia?

— Não.

— Qual foi então o motivo do teu arrependimento?

— Queres que o diga?

— Pois não estou perguntando?

— Foi o mal que te fiz, Nina.

— Que mal? estás douda. Vamos dormir.

— Ao contrario; tratemos d'este assumpto.

— *D'este assumpto?* ainda não tocámos em assumpto algum...

— Fallemos de Firmiano, e de ti, disse Ercia.

— Falla tu quanto quizeres; protesto que não te darei resposta.

— Basta que me ouças; tenho porém a certeza de que me interromperás algumas vezes.

— E se eu adormecer?

Ericia fallou com seriedade.

— Nina, és noiva, e noiva do mais perfeito cavalleiro, do homem que muitas te invejão, e que tuas amigas fieis applaudem, porque é o mais digno de te dar o seu nome.

Nicolina bocejou inopportunamente, querendo fingir somno.

— Uma noiva, tu o sabes, não póde ter olhos e coração senão para seu noivo...

— Fica cega para o resto do mundo, e morre subitamente de paralyisia de coração, observou Nina, simulando gracejo.

— Primeira interrupção, e bem estouvada, pois que me refiro ao homem que te ama, e á quem amas.

Nina guardou silencio.

— Uma tarde encontraste no Jardim Publico um mancebo feio á ponto de espantar, atoleimado á ponto de provocar o riso em toda parte onde se mostra; sentindo-te objecto da contemplação d'esse moço antipathico, te revoltaste sem justo motivo e o expuzeste á mais dura irrisão; dias depois,

em novo e inesperado encontro com elle em tua propria casa, maltrataste-o com um rir desatinado...

— Eu não sabia...

— Segunda interrupção...

— Ah! é de proposito? pois agora decididamente vou dormir.

E Nicolina volveu-se no leito, voltando as costas á Ercia, que proseguio :

— Sabendo quem era Firmiano, arrependida, nobre, boa, como és, pediste-lhe humildemente perdão, e empregaste todos os feitiços do teu espirito para offerecer á Firmiano a mais completa reparação das offensas da liviandade.

Nina bocejava outra vez.

— Bello e digno proceder! santos recursos do espirito, admiravel emprego dos philtros da graça, e do prestigio da belleza!

Nina começou á respirar com o brando senido de uma menina que dorme somno pesado.

— Agora te é licito simular que ador-

mente, pois que me escutas louvores ; mas desperta, ou finge despertar, porque vou censurar-te.

Nina não respondeu.

— Tornando á tua casa, Firmiano, captivo de teus agrados, mostrou-se na primeira noite deslumbrado, perdido por ti, e eu fui tão louca, tão desastrada, que por zombaria ou brinco levei tua attenção para o ridiculo culto de amor que te prestava o mais feio dos homens !

Nina não despertou.

— Mas artificio, calculo, ou não sei que, na segunda noite Firmiano pareceu esquecer-te, olhar-te com indifferença, não se occupar de ti, e eu fui dobradamente louca para ferir, estimular a tua vaidade, dirigindo-te renoques, e insinuando malignamente, mas sem malignidade intencional, que via uma quebra do poder da tua belleza na esquivança evidente do apaixonado da vespera !

Nina volveu-se outra vez no leito, voltando o rosto para Ercia, que proseguio :

— Eu te fiz mal, perdôa, minha boa amiga !... por minha causa tua vaidade de formosa que és, se exaltou ; quizeste provar á Ericia, moça, vaidosa, como tu, que Firmiano se renderia vencido, escravo á teus pés de rainha da belleza ; provocaste-o, Nina ! eu vi, eu sei o que digo, provocaste-o com a ostentação de todos os teus irresistiveis dons de agradar, de captivar, de enfeitiçar ; provocaste-o seis noites seguidas, queimando-o com o fogo dos teus olhos, envenenando-o com o encanto da tua graça ; mas o cego, o surdo, o idiota, não se ajoelhou perante a magestade da rainha !

— E exultaste com isso ? exclamou Nina, sentando no leito.

— Eis uma offensa, disse Ericia.

— Perdôa-me pelo amor de Deos ! respondeu Nina, deitando-se de novo.

— Perdôo-te, porque vives ha seis dias em periodo de insensatez ; perdôo-te, Nina, porque concorri para o teu mal, excitando

a tua vaidade, embora a vaidade não seja hoje quem te governa mais.

— Quem pois me governa ?

Nina, somos ambas moças, ambas nos julgamos bonitas, ambas queremos, exigimos cultos á nossa belleza ; emfim, Nina, eu pronunciarei, pois que é preciso, as palavras asperas, mas verdadeiras, ambas somos malcriadas pela cegueira do amor de nossos pais, e cada uma de nós duas póde julgar bem a outra, porque cada uma de nós é o espelho que reflecte a imagem da outra.

— E d'ahi ? quem me governa hoje ?

— Julgo-te por mim...

— Basta de cerimoniaes, Ercia ; quem me governa hoje ?

— É o irmão da vaidade, um malfeitor, como ella, o peor dos conselheiros, o mais traidor e perverso dos filhos do egoismo : quem te governa hoje, Nina, é o *capricho*.

— Queres saber, Ercia ? estás mais do que eloquente, estás poetica !

E desatou á rir ; mas realmente não ria ;

é que, graças á educação que a sociedade lhes impõe, ou lhes concede, as moças mais innocentes sabem rir ou chorar, ainda mesmo quando não riem ou não chorão na alma; fingem, pobres condemnadas, prazer ou sofrimento, alegria ou tristeza, conforme as situações, ou as exigencias da sociedade.

Ericia continuou :

— Nina, é o capricho que te governa hoje, é o capricho mais forte que a tua razão, que te impelle, que te irrita, que te tortura no empenho inglorio, mas desenfreado, no empenho ridiculo, mas violento e arrebatado, de vencer, de destruir a isenção pertinaz e incrivel do mais tolo e feio, e antipathico dos indifferentes sinceros ou calculistas, e de obrigar-o á confessar-se vencido, e dominado absolutamente pelo poder da tua belleza.

— Achas? perguntou Nicolina ainda em tom brincão.

— Pois se eu já declarei que estou me vendo no espelho!

— É por isso que me estás moendo a paciencia ha tanto tempo?

— É por isso que estou lendo claro na tua alma.

Nina deu á voz um accento dubio, que poderia ser ou zombeteiro, ou serio e triste :

— E no meu lugar que farias ?

— Não sei o que faria, sei o que devia fazer.

— E que devo eu fazer ?

— Sacrificar o mais pueril capricho, esquecendo completamente Firmiano.

— Mas se és tu que m'ó vens lembrar !

— Não crear difficuldades possiveis no caminho da sorte ditosa que o amor e as bellissimas qualidades do Dr. Vidal te assegurarão.

— Que pretendes dizer com isso, Ercia ?

— Que é impossivel que tenha escapado aos olhos do Dr. Vidal a caprichosa ligeireza do teu procedimento.

— E depois ? disse Nina, alterando a voz.

— Elle teria o direito de queixar-se, de se mostrar ciumento...

— E depois ?

— Depois ? Não sei, nem sabes...

— Ah! tens medo que, pelos grandes crimes perpetrados por mim nestes ultimos dias, o meu noivo me volte as costas e me despreze !...

— Nina !

— Desprezar-me é tão facil ! esquecer-me é tão simples !...

— Aplaca-te, vaidosa !

— Ericia, acabaste mal o teu sermão.

— Talvez, Nina.

— O teu estro apagou-se. Vamos dormir.



XVI.

Ericia adormeceu em breves minutos.

Nina nem ao menos desejou dormir, e deixou-se levar pela corrente das reflexões.

Tinha acompanhado o que chamára sermão de Ericia com ironia e ledice artificial, disfarçando as impressões que recebia ao ouvir as verdades que a amiga leal dissera, e é possível que tivesse aproveitado muito, se o sermão sabiamente desenvolvido não houvsse acabado desastradamente.

A vaidade da moça imperiosa de novo despertára ferida.

Nina amava o Dr. Vidal ; mas a suspeita, a supposição de que elle tivesse força

bastante de animo para facilmente desprender-se dos laços com que a sua belleza e o seu merecimento o encadeiavão, era uma affronta pungente, uma provocação ao seu desvanecimento de formosa.

Nina amante; zelosa, escrava de seu noivo porque o presumia escravo, assomada ostentaria o seu imperio, desde que na hypothese de um enfado, de uma luta de capricho, o seu senhor, porque era amado, ousasse conceber a possibilidade de resistir ao seu dominio.

Como os antigos reis do direito divino, a presumçosa moça se acendia em cólera ao annuncio de uma revolta contra o seu poder despotico.

A teimosa isenção de Firmiano tinha já ultrajado de mais o seu orgulho de rainha dos corações; era um dos mais feios dos homens que obstinado se recusava á ajoelhar-se submisso perante a mais bella das mulheres.

Tão mesquinha era a conquista, tão ingloria a dominação d'esse rude captivo

que Nicolina provavelmente nem d'elle se occuparia em horas de extravagancia do espirito.

Mas a indifferencia de Firmiano fôra notada por Ercia, e consequentemente talvez por outros, e principalmente por outros; a manifestação e o resultante conhecimento da esquivaça ou da rebeldia do provinciano tinhão ameaçado lançar uma jaça no brilhante purissimo do despotismo omnipotente da rainha dos corações.

A despota resolveu domar e escravisar o selvagem; a reluctancia d'este excitou-a ainda mais; a vaidade gemeu em segredo, o capricho fez delirar a despota, e continuava á inspirar-lhe o que pôde inspirar-lhe o capricho, todos os desacertos, e até o sacrificio da felicidade da vida toda pela vangloria de alguns minutos.

Tudo isso era desarrazoamento, insensatez, o que quizerem; mas fôra injustiça condemnar por taes fraquezas Nicolina.

Procurem a origem e a causa do erro e

castiguem nellas e não na victima o erro.

Nicolina era o fructo, a expressão franca, ostentosa da educação falsa que recebêra de seus pais, aliás extremosos.

André de Souza e Gervasia derão á sua filha o habito da dominação absoluta ; graças á sua riqueza, creárão para ella quasi o infinito na satisfação dos desejos, e a convencerão facilmente do inexcedivel fulgor da sua belleza, e do imperio irrecusavel das suas graças.

Em verdade bonita, gentil, mimosa, e de todos sabida filha unica de pais riquissimos de fortuna, Nicolina, onde appareceu, teve cultos, onde fallou, promulgou decretos, onde volveu os olhos, achou vassallos á pedirem-lhe escravidão. Não foi ella, forão os pais e o mundo, foi a educação e a idolatria de apaixonados sinceros, e de ambiciosos exploradores que a tornárão ou que a fizerão vaidosa, dominadora, imperiosa, abysmo de capricho, incapaz de submissão.

Durante longos annos a vida correu-lhe

em sanções lisongeiras e nunca duvidosas da sua omnipotencia humana, e dos milagres do seu encanto de formosa ; pais escravos, mundo escravo, lisonja de amor estremeado e cego em casa, lisonja de amores fingidos ou reaes em toda parte, atmospheria de adulação ou de idolatria, thuribulos á incensar de continuo, todos os olhos em contemplação enlevada, todas as bocas á fallar em hymnos de exaggerados encomios, o objecto de tantas adorações á não desarra-zoar, á não perder-se nos delirios de vaidade, á não ser o que a fazião, o que á obrigavão á ser, era impossivel.

A menina rica está mais exposta ao erro e ao infortunio do que a menina pobre, se educação zelosa e bem dirigida não a acode e a illumina ; porque a sua riqueza não sendo um mal, é um perigo ; pois que se torna em alto de culto perverso, e em incentivo de ambições fementidas.

E a misera innocente, a moça por semelhante modo saturada de lisonjas, de desvanecimento, de fantasia, de habito de do-

minação, chega um dia á encontrar independencia, resistencia, esquivança, negação á seu imperio nunca d'antes desrespeitado: como então procede ella? reage, quer impôr, ordena, exige, e insensata doudeja no empenho de dominar, de vencer, de triumphar, por força, pois que até então não achou quem se atrevesse á arrostar não vencido o seu poder de soberana.

É por certo loucura; mas a culpa cabe toda á quem enloqueceu a pobre moça rica.

Nina tinha chegado ás provas crueis á que era fatalmente levada pela falsa educação que lhe tinhão dado seus estremecidos pais.

A isenção de Firmiano era para ella quasi um insulto irrogado á sua formosura, e a idéa de hypothetico arrefecimento do amor do seu noivo equivalia á ameaça de uma derrota ludibriosa e intoleravel para quem se reputava armada pela belleza com todo o prestigio das princezas encantadas dos romances da cavallaria.

Nicolina sentíra, avaliára bem a proce-

dencia e verdade das considerações que lhe fizera a amiga ; mas o seu espirito excitado pela resistencia que lhe oppunha um pobre indifferente, e pela duvida que por ventura se imaginára do seu predomínio inabalavel sobre Vidal, desgovernava e perdia-se no labyrintho dos sophismas do capricho e da vaidade.

Firmiano era desde seis dias a preocupação incommoda, porém imponente e quasi exclusiva que de continuo a molestava, e tanto se habituára á rever incessantemente o mancebo na imagem reproduzida na alma, que não se espantava nem se ria mais da sua fealdade.

Resentida da insolita frieza do provinciano e receiosa de expôr-se ao ridiculo se transpirasse o seu desejo de excitar-lhe paixão, mas desejando-o vivamente, Nina se irritava contra essa unanimidade de juizos que declaravão Firmiano incapaz de inspirar amor por desengraçado, feio, atoleimado, agreste, e obtuso, e o espirito de contradicção muitas vezes lhe suggeria a

idéa excentrica de atacar de frente e assoberbar essa opinião unanime.

Ainda bem que em tal desvario vinha-lhe em soccorro o amor que a prendia ao seu noivo, amor que podia n'ella muito mais do que o genio contradictorio, quando por outro voto de unanimidade, todos avantajavão tanto os dotes esplendidos de Vidal, que Nicolina interiormente se abalava, temendo que alguém pensasse ter sido ella nas suaves cadeias do seu amor á solicitante de tão grande fortuna, e sobretudo que passasse pela mente de qualquer, ser a noiva sob algum ponto de vista inferior e não mais deslumbrante que o noivo.

Mas a amorosa ainda vencia á vaidosa, e Nina insistente, obstinada em seu doudo capricho de apaixonar Firmiano para desdenhal-o immediatamente, flagellava-se com a supposição cruel, não dos ciumes, que lhe orão gratos, porém do desgosto altaneiro, e da affrontosa possibilidade do desprendimento do Dr. Vidal.

Se ella o não amasse tanto, por certo que

se decidiria á provocar a luta; e todavia Nicolina meditava, procurando um alvitre, que sem o sacrificio do seu amor, sem a luta que o ultrajaria, lhe dêsse triumpho manifesto do seu poder, do seu querer sobre o noivo.

A noite se adiantava, e Nina não dormia, nem pensava em dormir.

Tinha esquecido Firmiano, occupava-se exclusivamente do Dr. Vidal, ou, melhor, dava treguas á louca phantasia, e embebia-se em cuidados do amor-proprio e do amor do noivo.

O canto de um canario annunciou a aurora.

De subito Nicolina murmurou sorrindo-se docemente :

— Achei...

Era o conselho, a inspiração da vaidade que ella tinha achado.

E outra vez murmurou ainda mais docemente :

— Achei...

Era que o induzimento da vaidade lisongeava tambem ao seu amor.

O canario trinava, e Nina pela terceira vez balbuciou com voz apenas sensivel :

— Achei...

Acabava de adormecer.

XVII.

Quando Nina acordou, Ercia já estava penteada e vestida.

— Dormiste muito, preguiçosa !

— Que horas são ?

— Quasi meio dia.

— E á que horas despertaste ?

— Ás dez.

— Dormi menos que tu.

— Velaste ?

— Até que cantou o meu canario, saudando a aurora. Levei toda a noite á procurar; mas enfim achei...

— O que ?

— Curiosa, que te importa ?

Nicolina estava alegre e radiosa, como nos seus melhores dias.

— Então quando o canario cantou...

— Achei...

— Abençoado canario !

— Foi a aurora e foi o canario que me fizeram achar ; sabes quem nos deu a aurora ?

— Foi Deos.

— E sabes quem me deu de presente aquelle canario ?

— Não.

— O Dr. Vidal.

— Portanto.

— Portanto o que eu achei foi uma inspiração de amor abençoada por Deos.

— Começas bem o dia.

As duas amigas almoçarão á uma hora da tarde, e ellas sós á mesa ; porque André de Souza e Gervasia não tinham podido levar alétn das onze horas a sua paciencia, e o seu jejum complacente.

Acabado o almoço, D. Gervasia disse á filha :

— Nina tu e D. Ercia sois egoistas...

— Porque, mamãe ?

— Não pensastes senão em vós mesmas, tomando-nos um dia todo

— E então ?

— Vingámo-nos pensando também em nós : o Sr. Leoncio da Silva vem jantar conosco.

Leoncio da Silva era o pai de Ercia.

— Abençoada seja a vingança, e principalmente se Ercia torcer hoje o pé, como torceu hontem.

— E além do Sr. Leoncio contamos com o Dr. Vidal.

— Agora o caso é de torcicollo de Nina ; eu o pé, ella o coração ; disse Ercia, rindo-se.

— Estimo muito, mamãe, respondeu Nina corando levemente.

D. Gervasia sahio da sala.

— Nina, observou Ercia, queres saber ? se a tua ledice não é fingida hoje applaudome d'ella.

— Não é fingida : eu achei...

— Achaste o que ?

— O que a aurora e o canario me inspirarão, e talvez tambem tu.

— E que foi ?

— Curiosa, que te importa ?

— Quero saber.

— É segredo de amor ; não devo dizêl-o.

— Ah ! não confias em mim ?

— Segredo que se revela, é plano que se nullifica.

— Quando o confidente é traidor, ou capaz de atraiçoar.

— E que tens tu com o meu segredo ?

— Muito ; porque, ha dias, perdeste a cabeça, e precisas absolutamente da minha, que se conserva em seu lugar.

Nicolina pôz-se á rir.

— Nina, disse Ercia, se não disseres o que achaste, protesto que nunca mais tornarei á torcer pé.

— É serio ?

— Palavra de honra.

— Que curiosidade ?

— É interesse por ti.

— Pois vem cá ; hei de dizer-te no jardim o que achei ; vamos ao jardim ; a inspiração da aurora e do canario, da luz e da harmonia, do amor emfim, que é harmonia e luz, deve revelar-se sómente no meio das flôres, e ao perfume que ellas respirão.

— Digo-te, o que me disseste hontem á noite : estás poetica.

— E a poesia é verdade ou mentira ?

— Conforme ; a poesia é sentimento e arte ; é como o olhar, o riso, e a palavra do homem que nos faz a côrte : se falla o coração, e verdade ; se o olhar, e o riso, e a palavra, dizem o que não diz o sentimento, é mentira.

As duas moças tinham descido ao jardim, e correndo para o lado, onde já se expandia a sombra, sentárão-se ao lado uma da outra em um banco de relva.

Ericia com os olhos fitos no rosto de Nicolina repetia sem fallar a sua teimosa pergunta : que achaste ?

— Esta noite, Ericia, pintaste o quadro da minha situação com verdadeiras côres...

— Confessas ?

— Salvo as exagerações de alguns traços muito carregados ; tornou Nicolina sorrindo-se.

— Seja assim... supponhamos...

— Reflecti longo tempo... conheço que ás vezes tenho ruim cabeça, e torno-me escrava do impulso mais pueril...

— Mas em compensação também ás vezes exageras muito o arrependimento, disse Ercia maliciosamente.

— Peior !

— Continúa.

— E todavia, embora pueril, extravagante, insensato o capricho me senhoreia, me arrebatava, me inflamma até que consigo satisfazê-lo... ora; além da fantazia que tu sómente me acendeste e que com toda a certeza posso realizar, porque presinto que Firmiano apenas abafa e disfarça a paixão em que se devora por mim...

Nina faz uma pausa : a vaidosa queria sondar a convicções da amiga e provocava a mais leve duvida.

Ericia, atilada e perspicaz, disse com naturalidade.

— Tambem me parece.

— Além d'essa fantasia, continuou Nina, ainda tu, Ericia, vieste innocentemente lançar esta noite no meu espirito um outro germen de sentimento suspeito, irritante e...

— Já sei... és de um exaltamento delirante, e vês estrellas ao meio dia, Nina.

— Dispenso explicações... serião inuteis : o facto é que eu reflecti sobre tudo isso, e a imaginar um estimulo, um prendimento de alma ; um triumpho, que me embebedando os sentidos, me absorvendo todos os cuidados, exaltando a minha gloria, me fizessem esquecer tudo mais no mundo.

— E ao romper da aurora o canario cantou...

— E eu achei...

— O que foi ?

— Se queres que t'o diga, volta o rosto e não olhes para mim.

Ericia sujeitou-se logo á condição, desviando de Nicolina os olhos.

— É pouco... volve mais a cabeça...

— Que ceremonias ! disse Ericia.

E com ligeiro movimento ficou sentada de costas para Nicolina.

— Agora sim...

— Dize pois...

— Dentro de oito dias...

— Acaba.

— Estarei casada com o Dr. Vidal.

— Ah ! exclamou Ericia com ardor, voltando-se para abraçar a amiga.

Nina fugio, correndo por entre as flôres.

XVIII.

Erão seis horas da tarde.

Andrá de Souza e seus amigos, levantando-se da mesa do jantar, dirigirão-se ao jardim.

Nina tinha feito transbordar a alegria dos corações de seus pais; nunca se mostrára mais contente e meiga; a felicidade radiava-lhe nos olhos e brincava á sorrir-lhe nos labios.

Com effeito ella se sentia feliz. Confiando cegamente no influxo poderoso das suas graças e no amor extremoso do Dr. Vidal, ia impor-lhe a satisfação de um pedido, que o noivo deveria receber como gloriosa fineza,



e contava mais do que com a obediencia, com o enthusiasmo do apaixonado mancebo.

O seu casamento estava aprazado para o mez de Julho, breves dias depois de terminar o luto pesado que Vidal trazia pela morte de seu pai; mais de tres mezes d'esse luto havião já passado, e portanto a sua exigencia nem affrontaria os reparos da sociedade, nem a dôr de filho amoroso; não ia pedir a benção nupcial dada sobre as cinzas ainda quentes e encerradas de pouco em um tumulto querido; pediria apenas a suspensão do luto, que durava já ha mais de cem dias, e tinha no amor do noivo a garantia segura da sua condescendencia enthusiastica.

E pensando assim Nina era feliz, como são felizes as noivas nas vespervas do casamento que anhelão.

Nina não se illudia, Vidal a amava com ternura, embora não exaggerasse as manifestações do seu fino sentimento com a affectação de fervorosos arrebatamentos, que á muitos noivos parecem de bom gosto e obrigação.

Vidal não era frio, mas era grave; amando Nicolina, deixava aos olhos, ao coração, e á alma á fallar nos labios o empenho de exprimir o seu amor como elle era, singelo e sem alardo, naturalmente e sem artificios : era mais eloquente por isso mesmo.

E, preciso é dizel-o, essa gravidade e lhaneza não forão dos laços menos fortes que captivárão Nina.

Vidal nem mesmo se deixava cegar pela paixão ; estudára e avaliára um á um todos os defeitos que Nicolina devia principalmente á sua educação ; mas comparando os com os ricos dotes moraes, com as virtudes da linda moça, não hesitou em dar expansão ao amor que ella lhe inspirára, e perdoou-lhe sorrindo, e acostumou-se a applaudir, a escusar com enlevo egoista os erros da vivacidade travessa, o estouvamento engraçado da leviana feiticeira.

Entretanto não passárão desapercibidos á seus olhos de amoroso noivo o modo porque Nina estava tratando Firmiano, os contrastes do seu proceder com elle, os agrados se-

guidos de desabrimentos, o olhar, o riso e os enfados, a animação e os reмоques e emfim todo esse desenvolvimento de provocações dissimuladas e sem compromettimento futuro, com que as senhoras indiscretas e leves desafião cultos e adorações por insensata vangloria.

Vidal fez justiça á Nicolina : yio naquelle anhelos de agradar e de fascinar Firmiano apenas uma extravagancia de vaidade e de capricho de menina imperiosa : nem por momentos deo ao provinciano a consideração de seo rival ; essa menina porém era ja sua noiva, e como tal perdêra o direito da exigencia caprichosa.

Não experimentára o veneno do ciume; não procurou fingir ciumes; não se queixou da leviandade de Nina, simulou quanto poude não aperceber-se do que talvez muitos estivessem notando, e grave e reflectido, sem arrendimento do seu amor, mas solícito na observação do procedimento da noiva, esperou um pouco magoado e muito attento a lição e o conselho que a serie

dos dias que havião de correr, daria á sua razão.

No jantar para que fôra convidado por André de Souza, impressionou-o fortemente a amabilidade suave, o enternecimento, e o trato blandicioso de Nina, que sentada ao seu lado absorvou-se na facil diligencia de embebecêl-o de amor.

Vidal robusteceu ainda mais suas convicções, seus juizes sobre o proceder de Nina : conhecia expansiva, e incapaz de fingimento que lhe amesquinhasse o orgulho : era evidentemente amado por ella como d'antes ; mas ainda por isso mesmo a fantasia de vencer a indiferença de Firmiano lhe parecia condemnavel fraqueza.

Chegarão ao jardim que era extenso, variado, e rico de sombras, de flôres, de ornatos, d'agua, e de encantos.

André de Sousa deu o braço á Ercia, Leoncio da Silva á dona Gervasia, o doutor Vidal á Nina.

Em breve o acaso ou a intenção fez que

cada par seguisse sua rua, e cada par passeou só.

Durante alguns momentos Vidal e Nina passearão em silencio.

— Agradeço-lhe a maior dita que tive hoje e com a qual confesso que não contava; disse enfim o doutor.

— Que me agradece?... não sei...

— A santa expansão do seu contentamento, e a ineffavel ternura, com que me enfeitou.

— Não tenho sido sempre a mesmo?

— Que pensa?

— Penso que sim.

— Perdoa-me? eu penso que não.

— Porque?

— Nem sei: não sou, nem serei jamais ciumento: zeloso hei de sê-lo; pois que a amo.

— Ainda bem! zeloso ao menos...

— Preferia-me ciumento?

— Prefiro tudo, prefiro indifferentemente o mal ou o bem, o peor ou o melhor, com tanto que me assegure o seu amor.

— Mais o meu é exigente, absoluto, Nina!

— E o meu também, Vidal!

— Eu exijo que minha noiva tenha olhos de amor sómente para mim, que não finja, nem provoque por vaidade; que a sua vaidade unica seja eu, o seu capricho eu, a sua vida eu!

— Pois a minha vaidade és tu, o meu capricho és tu, a minha vida és tu, Vidal!

— Nina!

— Impõe-me uma prova, uma privação, um sacrificio, e verás se hesito...

— Nina!

— Experimenta.

— Se eu exigisse...

Nina cortou-lhe a palavra pondo-lhe na boca a mão mimosa.

Vidal beijou fervidamente o sello do amor.

— Ha um limite ás exigencias do noivo mais amado...

— Nina!

— Á todas as mais me submetto como es-

crava, não preciso saber quaes sejãs ; submetto-me ; porque te amo, Vidal !

— E eu ? Nina !

— Tambem quizera experimentar.

— Duvidas então do meu amor ?

— Não.

— Experimenta pois :

— Peço-te que dentro de oito dias me leves ao altar, e me dês o teu nome.

Nina olhou friamente Vidal para saborear o assomo do seu entusiasmo.

Mas Vidal respondeu, perguntando :

— E o meu luto ?...

— Já passou de tres mezes, disse Nina, entristecendo-se.

— E minha mãe ?... e a sociedade ?...

— E o meu amor, Vidal ?..

Elles tinham instinctivamente parado : estavam por acaso junto á uma figura symbolisadora do inverno ; mas não haviam reparado nella.

Vidal reflectia.

Nina esperava com anciedade a resposta,

a decisão do noivo, e seu rosto começava a contrahir-se pela dôr da desillusão.

Vidal passou a mão pela fronte, erguiu a cabeça, e perguntou gravemente :

— Franqueza, Nina ! na tua exigencia ha capricho ou amor ?...

Se Nicolina tivesse respondido simplesmente, docemente : — amor ! — era certa a sua victoria ; mas a imperiosa já se suppunha offendida e respondeu seccamente :

— Capricho ou amor, decide.

— Eu não devo suspender o luto que trago pela morte de meu pai sem a imposição de uma circumstancia extraordinaria.

— Segue-se que valho menos do que uma convenção ceremoniosa da sociedade.

— Nina, com o teu assentimento e approvação, o nosso casamento está definitivamente aprazado.

— Mas o que eu propunha e não proponho mais, era a abreviação desse prazo !...

— Tens medo de esperar ? perguntou Vidal.

— Medo?... que é medo?... respondeu Nicolina orgulhosamente.

— Nina, porque te exaltas assim?...

Irritada pela desillusão, a vaidosa joven arrancou seus olhos flamejantes do rosto de Vidal, e volvendo-os, fitou a estatua do inverno, e soltou uma risada nervosa.

— Que é isto?... de que ris assim?...

— Fugamos d'aqui! exclamou ella, eu cuidava de amor, fallava de amor junto do symbolo do inverno... sinto frio... sinto frio de enregelar.

Nicolina ostentou durante o resto da tarde e principio da noute as mais jubilosas apparencias: como praticava sempre em suas horas de espirito em ebulição, e de postica turbulencia, tornou a sociedade dos seus amigos travessa, e agitada á sua semelhança, zombando de uns, lançando epigrammas á outros, mettendo á bulha as amigas, e concitando todos á uma guerra viva de enganos e de lograções.

Mas a noite corria e Firmiano não chegava.

Emfim appareceu Felix, e Felix tinha vindo só.

Nina reprimio habilmento um movimento de contrariedade : seus supercilios se havião encrespado de ira ; logo porém e de relampago se alisarão, e seus olhos arderão em brilhante fogo :

— Tramão contra mim ; pensou ella consigo ; contrarião-me, querem domar-me. : tanto melhor... venha a lucta !. disse consigo mesma.

E levantando-se perguntou :

— Senhor Felix. veio á pé ou de carro ?

— Á pé, minha senhora, como os peregrinos devotos.

— Os meus romeiros vem de carro para chegar mais cedo.

— Exactamente eu me impuz penitencia, chegando tarde.

— Pois descance da viagem que fez, dançando já uma valsa comigo.

A valsa rompeu ainda mais animada com o concurso de outros pares.

Nina valsou com indizível arrebatamento : no fim de algumas voltas, Felix obrigou-a á parar :

— Respire, disse-lhe.

— Valsêmos ! respondeu ella.

— Quer vingar-se, matando-me de fadiga ? tornou-lhe Felix, sorrindo-se.

Nina fitou-o com ardidez, e audaciosa e sempre estouvada disse :

— Não, convidei-o á valsar para que me olhasse bem de perto, e sentisse melhor se as minhas mãos estão geladas, ou se tenho febre.

— Porque ?...

— Porque o senhor veio hoje para observar-me.

Felix encarou-a admirado.

— Póde dizer-lhe o que observou.

— Minha senhora...

— Valsêmos ! exclamou Nicolina.

E valsou ainda, transportada, voando pela sala com ás azas de seus pés mimosos, até que extenuada deixou-se levar á sua cadeira.

XIX.

O Dr. Vidal não tinha sido severo por menos vehemencia de amor: no primeiro instante estivera á ponto de ceder ternamente á exigencia de Nina que empregára tres horas á derramar-lhe com os olhos, os risos e as palavras mais doces mil effluvios de enfeitiçada paixão em seu seio; immediatamente porém lembrou-se do proceder leviano de sua noiva em relação á Firmiano, e, fraco por sua vez, enxergou no empenho por ella manifestado, um recurso para combater nascente affeição em que até alli não acreditára.

Este pensamento foi com franqueza tra-

duzido na sua pergunta : « tem medo de esperar ? »

Vidal reflectido e firme resistio ao ardor e ao subsequente despeito de Nicolina, porque preferia o malogro de seus ternos anhelos á casar-se, levando no espirito uma duvida sobre os sentimentos da sua noiva.

Elle queria acender a pyra do hymeneo com a flamma doce e tranquillã da mais absoluta confiança.

O character de Vidal póde não agradar ás jovens romanescas e de exaltada imaginação ; mas nem por isso desmerece o respeito e a justa consideração de quem sabe apreciar mais a vontade do que as illusões.

O peor foi que Vidal não soube comprehender Nicolina e nem esta comprehendeu Vidal.

O noivo não pode adivinhar a susceptibilidade vaidosa que Ercia impensadamente posera em alarma no animo de Nina.

A noiva não soube ler o resentimento de uma leve magoa, não soube ver a nuvem ligeira de uma duvida no coração de Vidal.

E vaidade de um lado, e zelo de outro, perturbarão a santa confiança de duas almas que tendião á identificar-se, resumindo-se e sublimisando-se em uma só álma.

Nas miserias da sua natureza, o homem ás vezes perde no atomo de um erro os mais seguras e bem calculados fundamentos da sua felicidade na terra.

A felicidade como a vida do homem é um sonho que se esvae e acaba em um sopro.

Nina com as suas expansões, com os seus arrebatamentos de jubilo, depois da negativa, com que Vidal a ferira, dissimulava apenas artificialmente a dôr profunda que lhe despedaçava o seio.

Abrazada de colera, affogada em amarguras, terrivel no deseñcanto da esperança mais lisongeira, com uma affronta pungente no seu orgulho, imperiosa desobedecida, orgulhosa amesquinhada, imperiosa definitivamente contrariada, Nina abafava os gemidos do coração com o ruido de estrepitosa alegria, e disfarçava as lagrimas choradas

pela alma com os falsos risos dos labios mentirosos.

Nina alardiava jubilo para indicar menospreço de Vidal; mas estava mais do que triste, estava flagellada pela afflicção, obumbrada por supposto desengano, e violentamente revoltada contra a força de vontade que se mostrára igual á força de sua vontade.

No seu modo ou no seu habito de sentir e de julgar, Nina tinha razão. Firmiano era fantasia louca; mas o Dr. Vidal era amor confessado, patente, quasi ostentoso, e ella, a formosa, a dominadora absoluta, a maravilha de graças e de belleza, pela segunda vez queria e não podia, ordenava e não era obedecida, se humilhára á pedir o favor da aceitação do que reputava extrema gloria na terra, e ouvira em resposta — não! — *não* dito a ella, á rainha, *não* respondido por quem suppunha escravo, *não* sahido dos labios do objecto do seu amor, *não* pronunciado por Vidal!

E que *não*?... *não* ao prompto recebi-

mento da sua mão de esposa, *não* ao immediato sacrificio da sua liberdade, ao desvanecimento do exclusivismo do seu amor, á benção de laços em que se entregava de corpo e alma á seu noivo! *não* ao incendio, á confusão, aos sublimes tormentos do pudor virginal, *não* ás allucinações da sua belleza, *não* á offerecida chave da porta da sua camara imperial...

Nina rugia dentro de si, provando o fello mais barbaro desencanto.

O Dr. Vidal não calculára a profundez do golpe com que rasgára o seio de Nina.

Ferida na fibra mais sensivel de seu coração de joven desvenecida, a filha de André de Souza abrazada de ira, estava sequiosa de vingança.

E em taes casos a vingança da mulher é quasi sempre o sacrificio da sua propria felicidade.

Nina raciocinava extraviando-se pela colera : estudando as causas provaveis da negativa de Vidal, não lhe veio á mente uma

só vez a inconsequencia do seu ligeiro comportamento nas ultimas noites, e só lembrou que o noivo, presumindo-se tão deslumbrante e encantador, que seria impossivel ser desamado ou esquecido, julgava que podia impunemente impacientar, affligir, contrariar aquella que se rendêra amante ao prestigio do seu magnifico merecimento pessoal.

É isso ! dizia consigo Nicolina ; o fatuo não concebe a hypothese de um rival que o iguale ; e, presumçoso, humilha a pobre noiva, de quem já se suppõe infallivel senhor.

E proseguio em seu intimo fallar da alma iracunda.

— E eu me humilhei, pedindo á tremer o que o meu pudor, a minha dignidade me devião ter aconselhado á não pedir ! humilhei-me, e elle frio, orgulhoso, insolente, respondeu-me... o que ?... o que elle me respondeu fôï isto : — « não tenha pressa de chamar-te *minha*, não vales o sacrificio de dous mezes de luto ! »

E Nicolina não gemia, nem chorava, tinha o rosto em fogo, e o orgulho em furor.

— Hei de por minha vez humilha-lo também ! vingar-me de modo tão completo que a sua confusão exceda muito áquella porque passei : com toda sua fatuidade elle amame, amar-me-ha em dobro d'ora avante, e fal-o-hei desgraçado pelo meu despreso mais profundo.

E a louca doudejava, suppondo reflectir :

— Tenho á minha escolha, ao mais leve volver de meus olhos vinte e mais bellos uancebos iguaes á elle em tudo, menos na soberba e na rudeza atrevida...

E uma sorrir nervoso, tremulante nos labios, respondeu á um pensamento que surgira em seu animo exacerbado.

— Iguaes ou superiores á elle não o humilharião bastanto na preferencia !

E rio-se de novo como tinha rido.

— Firmiano o feio, o antipathico, o selagem, o pobre desgraçado — superando, abatendo, enxotando o bonito, o sympathico, o elegante, o espirituoso, o sabio, o poeta, o rico, o soberbo, o maravilhoso Dr. Vi-

dal... oh! deve ser interessantes e curioso !...

E tornando-se melancolica e seria, pensou :

— Sinto que vou ser má... — esse infeliz Firmiano seria ao mesmo tempo instrumento e victima da minha vingança... um innocente... um amigo... oh!... mas tambem elle tem ousado provocar-me, offender-me com uma indifferença que ultraja, porque é ostentosa, é intencionalmente maligna : querem zombar de mim, accurvar-me... quebrantar-me... serei má.

E ainda com melancolia mais amarga :

Sou muito moça, disse á si mesma, consolando-se; ficarei solteira dous annos, e só depois escolherei marido.

Um longo somno tranquillamente 'dormido não poude arrefecer o despeitoso assanho da joven despeitosa.

Nicolina ao deixar o espelho para ir almoçar com seus pais que a esperavão, ouviu o

canto do seu canario que parecia festejal-a, e em rapida acção correo á gaiola, abriu-lhe a porta, e exclamou :

— Vieste-me d'elle, canario ! torna á elle, se o queres : liberdade á ambos nós...

E com o lenço espantou o canario que escapando á prisão, voou para o jardim.

Nina enxugou duas lagrimas que lhe corrêrão dos olhos em despedida do seu alado trinador, e sahio apressada.

Antes de chegar á seus pais ja se havia mascarado com apparencia de presenteiro socego.

Á mesa do almoço percebeu-se movimento e ruido que fazião os criados e escravos, e logo depois a criada de Nicolina veio annunciar a fugida do canario querido, que solto e livre trinava no jardim.

André de Souza ia levantar-se...

Nina o conteve dizendo :

— Fugio-me : eu ja o sabia, papai ; não quero que procurem apanhal-o : nunca se poderá dizer, que eu fiz o menor esforço para reter quem me foge.

E receiosa de que lhe tivessem entendido ou adivinhado a allusão, accrescentou, rindo-se :

— A liberdade é um direito sagrado : o canario quiz ser livre ; que o seja !

André de Souza e Gervasia olharão enleados e confusos para Nicolina.

Ella almoçava com appetite e com serenidade pelo menos apparente.

XX.

Desde alguns dias André de Souza andava triste, mas com essa especie de tristeza que o pai de familia se empenha em esconder aos proprios amigos e que só depois de muito sentil-a, derrama-a enfim no seio da esposa.

André de Souza triste, era caso extraordinario.

Em uma bella manhã desceu ao jardim e foi ter com Gervasia que colhia violetas.

— Para quem são essas flores?

— Não sabes, fingido?... quem é que prefere as violetas á todas as outras flores?

— Pois colhe rosas, Gervasia.

— Porque?

— As rosas são muito mais formosas, e, além d'isso, tem espinhos.

— André!

— Gervasia, não nos illudamos: Nina não é feliz, Nina soffre e... tresvaria!...

— Talvez.. como todas as moças da sua idade... mas ha de passar...

O amoroso André certo de que Gervasia tomava a defeza da filha, aproveitou o ensejo para ostentar força que não tinha.

— É uma louca, a quem devemos severamente mostrar os erros que está commettendo.

— Deixa a menina, André: que aproveitariamos, perseguindo-a?

— Mas não vês como ella cria obstaculos á sua propria que é tambem a nossa felicidade?...

— O que eu vejo é que, se quizermos vencer Nina pelo rigor, será muito peor.

— Preferes que nos deixêmos levar pela sua má cabeça?... pois eu, não : hoje mesmo

ella me ha de ouvir censurar o seu procedimento e...

— Fal-a-ias chorar um dia, e não dormir uma noite: André! sabes tu quanto ella tem chorado já em segredo?

— Chorado?... eis ahí!... suppões, acreditadas que ella passe noites á chorar?... Gervasia, é preciso attender á isso... Nina poderia adoecer... é tão sensivel e delicada...

— Não ha moça que por sua vez não chore assim: é tributo de sensibilidade e de tormentos de amor que todas ellas pagão...

— Em todo o caso é padecer! eu queria que Nina vivesse sempre á rir!

— André, tu continuarás sempre á deitar, á perder Nicolina com a tua fraqueza?...

Trocavão-se os papeis.

— Quando me estão dizendo que Nina passa noites em claro e á chorar, querias que eu me tornasse furioso... austero... ralhador?...

— Nossa filha é as vezes muito imprudente...

— Só nas occasiões em que a estimulação,

fóra d'isso é uma santa, coitadinha! a minha Nina é um anjo! e esta?... deve ella pôr-se de juelhos, quando a provocão?...

— Não digo tanto, André; mas por amor de seu futuro e de sua felicidade cumprenos corrigir certos arrebatamentos...

— Pois corrige-a... és sua mãe...

— Pretendo ao menos fazê-a ouvir a verdade; abraçando-a affagando-a para poupar-lhe lagrimas e maior confusão, admoestal-a e...

— Deixa a menina, Gervasia! basta o que talvez ella soffre...

Gervasia poz-se á rir.

— De que ris?

— Somos dous tolos, André.

André levou o lenço aos olhos, e enxugou sem disfarce duas lagrimas que corrião d'elles.

— Eu o creio; disse.

— Mas não quero que andes triste; tornou Gervasia; não quero; ouviste?...

— E Nina?

— Deixal-a : é impossível que Deos desampare a filha de sua benção.

— E tambem o que eu penso ; e por fim de contas Nina tem mais juizo do que julgas : em alguns repentos ás vezes se mostra indiscreta ; mas logo que reflecte, procede sempre como deve.

— Então porque te entristeces ?...

— Conversêmos : não tens reparado na evidente frieza com que ella recebe o Dr. Vidal desde a tarde em que passeou com elle no jardim ?...

— Arrufos de namorados...

— Não : Nicolina quando não se arrufa, prorompe ; alli ha profundo antagonismo.

— E se houver ?

— Será lamentavel ; porque o Dr. Vidal é até hoje o unico homem que tenho supposto digno de Nina.

— Estamos de accordo, André, e é por isso que desejo interrogar, e, se fôr preciso, extranhar á Nina o seu procedimento.

— Não lhe digas cousa alguma ; eu a conheço melhor do que tu ; não a irrites, e em

summa quem sabe o que se passou entre os dous? se houve desintelligencia, juro que a menina teve razão...

— O certo é que não ha menina mais docil, mais dedicada e mais sensivel...

— Então? é o que eu digo: e se o Dr. Vidal a menosprezou, passe muito bem... boa viagem! onde é que elle ha de encontrar outra Nina...

— Entretanto...

— O Dr. Vidal é um noivo como não ha dous: de accordo.

— Eu hei de conversar, e preciso que eu converse com Nicolina...

— Mais tarde... espera que se apague o fogo... e depois conversa; mas não lhe falles como mãe.

— Então como?

— Como irmã.

— André, não ha amiga, nem prima, nem irmã que possa entrar mais no fundo do coração de uma menina, do que sua mãe.

— Convenho... convenho... tu tens sempre razão.

— Pois bem.

— É o original de Firmiano?

— É um nobre coração com as mais infelizes exterioridades.

— Não me reffiro á isso.

— Á que te referes?

— Á sua deserção de nossa casa : não nos apparece mais.

— Coitado! ou me engano muito ou ella ama Nicolina.

— Ora! podêra não amar a nossa Nina! mas porque fugio-nos?...

— Desconfiou talvez de algum gracejo : elle é tão acanhado...

— E Nina?

— Que tem Nina?

— Gervasia, eu não creio... já te disse por vezes que não creio... mas...

— Penso que estamos sós, André!

— E que ha cousas!.. por zombaria talvez, por zombaria certamente...

— Entendo-te, toda menina é desvanecida...

— Mas que excentrico desvanecimento !.. Firmiano é feio á espantar...

— Em todo o caso tem joelhos para a genuflexão.

— Ah ! segredô feminino... comprehendendo : praza ao céo que não passe d'ahi...

— É mais que implovavel.

— Pensas ?

— Nina é de um gosto apurado e exquisito...

— Exquisito tem duas significações adoptadas e um tanto contradictorias...

— E então ?

— Se Nina, por exquisitice...

— Cala-te : eil-a comnosco.

— E vem risonha... alegre...

— Creio pouco na sua alegria.

Nicolina chegava trazendo na mão esquerda o *Jornal do Commercio*.

Recebendo a benção de seus pais, sorrindo para elles disse :

— Papai, nos annuncios dos theatros este *Jornal* acendeu-me um desejo.

— Qual ?

— O de ir esta noite ao Gymnasio.

— Queres, Gervasia ?... perguntou André com voz pedinte á esposa.

— Fingido ! respondeu esta.

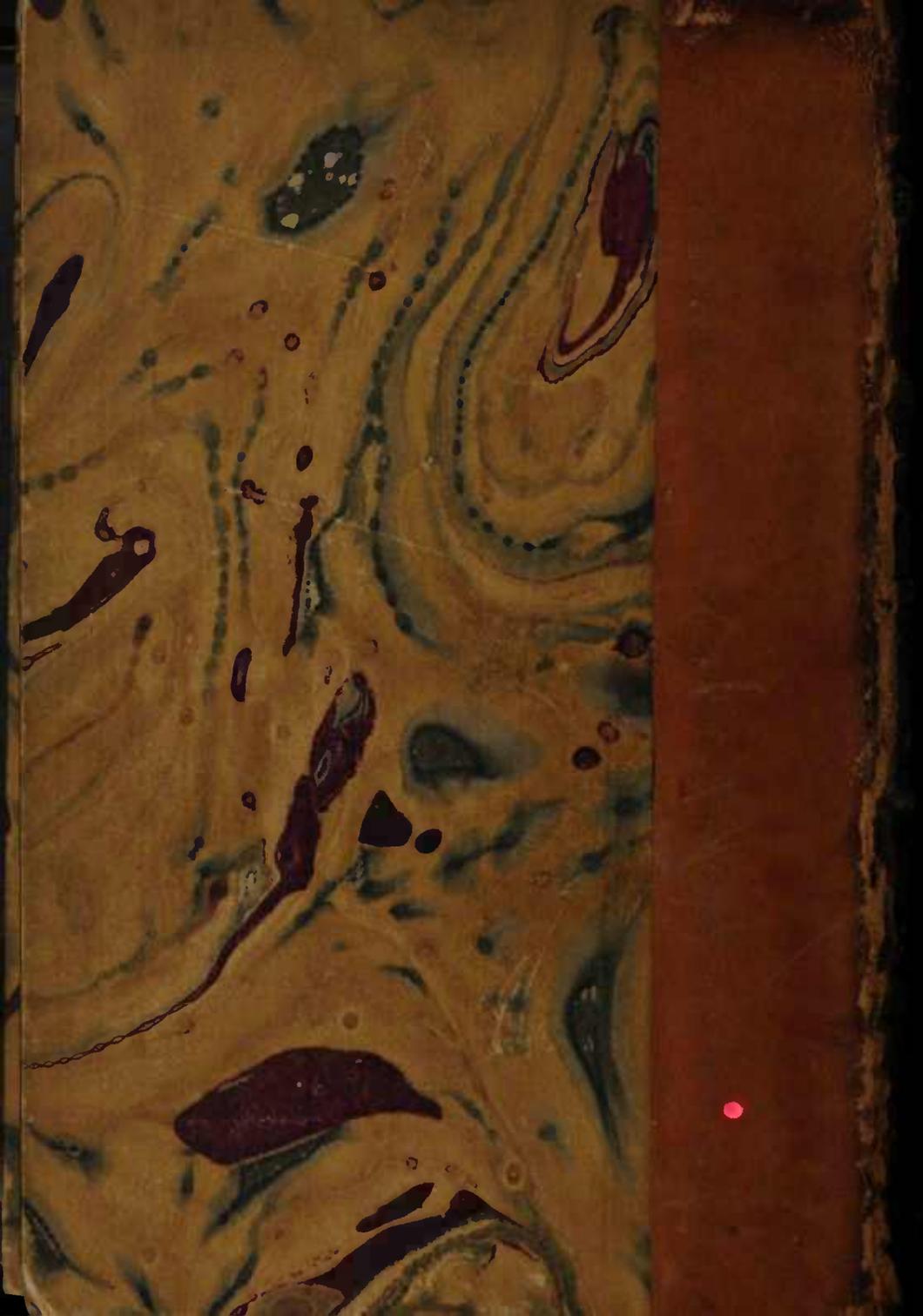
E voltando-se para a filha, accrescentou :

— Nina, teu pai já disse que sim.

E pela segunda vez naquella manhã beijou a face de Nicolina.

Qual dos dous era mais escravo ?... o pai ou a mãe ?...

FIM DO TOMO I.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).